

Confraria dos Livros Bons



O Transe Mediúnico

CARLOS A. BACCELLI
ODILON FERNANDES



O TRANSE MEDIÚNICO

Copyright© 2009 by
Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"

Confraria dos Livros Bons

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Jm Bm ge'.

Revisão Gramatical: Fausto De Vito
Capa: Paulo Moran • **Foto da Capa:** Arquivo da Editora
Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Copyright© 2009 by

Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"
Av. Elias Cruvinel, 1.200 - Boa Vista
38070-100 - Uberaba (MG) - Tel. (34) 3322-4873
Site: www.lepp.com.br - E-mail: lepp@terra.com.br

Iª Edição • Do 1º ao 6º milheiro.
Julho de 2009

Os Direitos Autorais deste livro foram doados às obras assistenciais da
Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo", Uberaba (MG).

ISBN: 978-85-60628-20-9

Impressão:

Editora Vitória Ltda.
Av. Cel. Joaquim de Oliveira Prata, 668
38022-290 - Uberaba (MG)
Tel.: (34) 3336-5155/3336-6588

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Carlos A. Baccelli
Odilon Fernandes

O TRANSE MEDIÚNICO

LEEPP

Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"
Av. Elias Cruvinel, 1.200 - Boa Vista
38070-100 - Uberaba (MG) - Tel. (34) 3322-4873
Site: www.leepp.com.br - E-mail: leepp@terra.com.br

**Dados de Catalogação na Publicação
(Preparada pela Editora)**

Fernandes, Odilon (Espírito) .
O Transe Mediúnico / Odilon Fernandes ;
[psicografado por] Carlos A. Baccelli. -
Uberaba, MG : Livraria Espirita Edições "Pedro e
Paulo", 2009.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Baccelli,
Carlos Antônio. II. Título.

CDD-133.93

índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação mediúnica :	Espiritismo	133.93
2. Escritos psicografados :	Espiritismo	133.93

MEDIUNIDADE EM ESTUDO

Amigo leitor:

Com base nas anotações efetuadas em "O Livro dos Médiuns" por Allan Kardec, emérito Codificador da Doutrina Espírita, passamos à sua apreciação as páginas que aqui se encontram reunidas, fruto de nossas reflexões em torno do tema que, de nossa parte, sempre merece constantes estudos na Vida Maior.

Dentro do natural dinamismo das percepções que se encontram em evolução no espírito imortal, a mediunidade é o sentido que, por assim dizer, polariza todos os demais, ensejando-nos maior e mais profunda

conexão com a Vida, em suas manifestações que se diversificam ao infinito.

Esperamos que nossos despreziosos apontamentos, muitos deles colhidos na própria experiência do intercâmbio, qual se o médium nos fosse avançado campo de pesquisas laboratoriais, possam ser lhe úteis. E, assim, ampliar qual tem ocorrido conosco, a compreensão de tão empolgante assunto que, com certeza, há de continuar merecendo a maior atenção de todos os estudiosos sérios, comprometidos exclusivamente com a Verdade.

Agradecendo a Jesus por mais esta oportunidade de trabalho, rogamos a Ele nos abençoe e guarde em sua paz.

Odilon Fernandes

Uberaba (MG) 1º de maio de 2009.

índice

MEDIUNIDADE EM ESTUDO.....	7
1 - O TRANSE MEDIÚNICO.....	11
2- ANIMISMO.....	15
3- SUBCONSCIENTE E MEDIUNIDADE.....	19
4- PRODUÇÃO MEDIÚNICA E ANÍMICA.....	23
5- O MÉDIUM COMO INTÉRPRETE.....	27
6- SINTONIA E AFINIDADE.....	31
7- MÉDIUNS MECÂNICOS.....	35
8- PASSIVIDADE RELATIVA.....	40
9- MÉDIUM INTUITIVO.....	44
10- MEDIUNIDADE E DESCRENÇA.....	48
11-0 MÉDIUM COMO OBSTÁCULO.....	53
12- MÉDIUM DE TAREFA.....	57
13- TIPO DE MEDIUNIDADE.....	61
14- MEDIUNIDADE E DESENVOLVIMENTO.....	65
15- MEDIUNIDADE E CULTO NO LAR.....	69
16- PARCERIA CONSCIENTE E RESPONSÁVEL.....	74
17-0 MÉDIUM IDEAL.....	79
18- DE SEU BERÇO DE PEDRA.....	83
19- MÉDIUNS QUE FRAUDAM.....	88
20- MÉDIUNS À PROVA.....	92
21 - A IMPORTÂNCIA DO MÉDIUM.....	97
22- A ALMA DA MEDIUNIDADE.....	101
23- MISTIFICAÇÃO.....	105

24- CONCORDÂNCIA UNIVERSAL.....	109
25- INFLUÊNCIA DO MEIO.....	114
26- POBRES IRMÃOS!.....	119
27- INDISPENSÁVEL PERGUNTA.....	124
28- GRUPOS DOMINADOS.....	129
29- ESPÍRITOS QUE SE COMUNICAM.....	133
30- O NOME DOS ESPÍRITOS.....	138
31- ESPECIALIZAÇÃO MEDIÚNICA.....	143
32- GENERALIZAÇÃO DA MEDIUNIDADE.....	147
33- A GLÂNDULA DA MEDIUNIDADE.....	151
34- BOM SENSO.....	156
35- MEDIUNIDADE E CURA.....	160
36- MENSAGENS MEDIÚNICAS PARTICULARES ...	164
37- MÉDIUNS QUE FALAM DE SI.....	169
38- MEDIUNIDADE QUANDO NÃO CONVÉM.....	174
39- MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA.....	179
40- ORIGINALIDADE.....	184
41 - "COLUNAS DE ESPÍRITOS".....	188
42- LIMITES À VERDADE.....	193
43- PREVISÕES MEDIÚNICAS.....	197
44- FAMILIARES DESENCARNADOS.....	202
45- A ALEGRIA DOS ESPÍRITOS.....	207
46- MEDIUNIDADE E ELOGIO.....	211
47- MEDIUNIDADE E OBSESSÃO.....	215
48- MEDIUNIDADE INCONSCIENTE.....	219
49 - MEDIUNIDADE PEQUENA.....	224
50- EXERCÍCIOS MEDIÚNICOS.....	228
51 - DIAGNÓSTICO.....	232
52- MEDIUNIDADE E SEXUALIDADE.....	237

O TRANSE MEDIÚNICO

223. 1. O médium, no momento em que exerce sua faculdade, está num estado perfeitamente normal? — Está algumas vezes num estado de crise mais ou menos pronunciado; é isto que o fatiga e por isto precisa de repouso; porém o mais das vezes seu estado não difere sensivelmente do estado normal, sobretudo nos médiuns escreventes. ("O Livro dos Médiuns" - cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

A tendência do transe mediúnico é a de sutilar-se, ocorrendo de maneira tão natural quanto possível.

O desgaste orgânico, pois, tende a se mostrar cada vez mais discreto, a não ser nos médiuns em que haja maior dispêndio de energias cedidas à produção de fenômenos físicos.

Ao desgaste físico sucede o de natureza psíquica, até que o médium, no intercâmbio com o Além, não experimente qualquer declínio em suas forças.

Nos médiuns evolvidos, o transe mediúnicos é fator de sustentação espiritual e física, de vez que o contato com Entidades Superiores lhes energiza o perispírito.

No transe que diríamos primitivo, o médium mais doa do que recebe, ao passo que, no superior, ele mais recebe do que doa.

O transe mediúnicos é igualmente passível de elevar-se - o que acontece na exata medida em que o médium se esclarece e moraliza.

A obsessão é exemplo de mediunidade que suga do médium as suas energias vitais.

O Cristo, Médium Divino, dizia que o seu alimento consistia em fazer a vontade do Pai.

A mediunidade exercida com equilíbrio é sinônima de saúde e vitalidade; a que se exerce sem responsabilidade é causa de fraqueza e doença...

Não há a menor necessidade de que o médium em exercício se mostre em estado

de excitação psíquica, com repercussões em seus trejeitos físicos.

O médium, portador desta ou daquela faculdade, deve esmerar-se no refinamento de suas possibilidades.

Chico Xavier, o maior expoente da mediunidade com Jesus, entrava e saía do transe com naturalidade. Nele, o estado de vigília praticamente não se distinguia do estado mediúnico.

Para melhor entendimento do que queremos dizer, permitam-nos exemplificar: há enorme diferença entre o médium receber os espíritos na "sala de estar" de seu psiquismo, para um diálogo educado e proveitoso, e com eles se reunir no "quintal" de sua cidadela psíquica!

O Espiritismo, sendo instrumento de educação do espírito, também o é de educação mediúnica.

O médium, por seu estado febricitante, não é mais médium do que aquele que atua sem evidência exterior do transe. Ao contrário: os médiuns preferidos pelos espíritos esclarecidos são os que se concentram apenas

na transmissão fiel de seu pensamento, eliminando reações que, externamente, possam causar estranheza a quem os observa.

Mesmo no transe psicofônico, ou de incorporação, o médium, tanto quanto possível, carece procurar controlar-se, para que os sintomas físicos da entidade comunicante não mascarem as suas reais necessidades, desviando a atenção do médium doutrinador - que preferimos chamar de *interlocutor*, de vez que, de doutrinação, não há nenhum de nós que se dispense.

Assim, seja concedendo passividade a espíritos em desequilíbrio ou a Instrutores, que o médium se esforce por agir com naturalidade possível no momento do transe, sendo ele mesmo o primeiro crivo sob o qual a entidade desencarnada deve se submeter, a fim de manifestar-se.

Médiuns existem que, na ânsia de chamarem a atenção para si ou para a suposta autenticidade do comunicado que intermedeiam, se valem do transe mediúnicos a que se entregam, exagerando sintomas e sinais.

2

ANIMISMO

*"A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra; se ela goza de algum grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito."
(Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 2)*

Os próprios Espíritos da Codificação, falando sobre o assunto, viram com naturalidade a questão do animismo, que, infelizmente, até hoje é incompreendido por alguns estudiosos.

O animismo faz parte do contexto da mediunidade. Diríamos mesmo que, sem animismo, não se tem mediunidade.

A rigor, não importa tanto a fonte da comunicação, mas, sim, o seu teor.

O médium, em determinadas circunstâncias, pode fazer-se intérprete de si mesmo. "... então - disseram os Espíritos a Kardec - eles lhes falam como espíritos e não como homens"!

O consciente do médium pode intermediar informações de seu subconsciente - informações e dramas.

Na psicofonia simples, o interlocutor pode estar dialogando com uma faceta da personalidade do medianeiro, "acoplada", se assim podemos nos expressar, ao psiquismo de um desencarnado com problema semelhante.

As possibilidades da mediunidade são infinitas.

Médium e espírito comunicante dificilmente agem isolados de outras influências intelectuais. Inclusive, o subconsciente de um, ou mais, dos integrantes da sessão mediúnica pode estar participando ativamente do comunicado.

Ousamos dizer que, em Chico Xavier, muitos dos espíritos comunicantes mais não faziam do que colocar em ação o seu subconsciente, com as informações que ele levava consigo do Mundo Espiritual para a Terra.

Dentro desse quadro, perguntamos: o que vem a ser animismo, senão - repetimos -, um componente da própria mediunidade?

Por outro lado, consideremos que o espírito comunicante também é um ser anímico e, ao mesmo tempo, mediúnico.

O espírito que fala ou escreve, enfim, que entra em contato com os encarnados desta ou daquela maneira, o faz com o seu próprio conteúdo intelecto-moral. Quase sempre, ele transmite aos homens a sua percepção do Mundo Espiritual, que pode estar acrescida ou não do pensamento de outras entidades.

Apenas o Pensamento de Deus existe por si mesmo, ou seja, se isenta de toda e qualquer influência.

O médium que estuda passa a agir influenciado pelo que lê.

Em suma: no fenômeno do transe, o médium comparece com o somatório do que existe no seu subconsciente, no do espírito e no dos circunstantes. Em qualquer transe mediúnico, há mais do subconsciente que do consciente.

Ninguém pode precisar, no médium, onde termina o animismo e começa a mediunidade.

Um comunicado anímico pode ser mais rico que um mediúnico.

Foi igualmente por esse motivo que, quando tratou da delicada questão da identidade dos espíritos, Kardec a considerou de importância secundária, em relação ao conteúdo do comunicado.

Uma comunicação deve ser classificada como autêntica quando, nela, há mais mediunidade que animismo.

A afirmação de Paulo, escrevendo aos Gálatas: "... já não sou eu quem vive, mas o Cristo vive em mim", é uma afirmação de natureza mediúnica. Esvaziando-se de si, Jesus tomara posse de seu espírito. Eis a essência da mediunidade.

Em Paulo, a mediunidade humana levada à culminância!

Todos nos exercitamos a ser médiuns de espíritos, para, finalmente, sermos médiuns do Cristo, que, por sua vez, era Médium de Deus: "Eu e o Pai somos um."

SUBCONSCIENTE E MEDIUNIDADE

*3. Como distinguir se o espírito que responde é o do médium ou um espírito estranho?
— Pela natureza das comunicações. Estudem as circunstâncias e a linguagem, e vocês distinguirão. E sobretudo no estado de sonambulismo ou de êxtase que o espírito do médium se manifesta, porque então está mais livre; mas no estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que é impossível atribuir-lhe: eis por que eu lhes digo: estudar e observar. (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)*

O subconsciente exerce um papel preponderante na mediunidade - ele, por assim dizer, é o arquivo de consulta do espírito comunicante nas manifestações intelectuais.

Quando o espírito esbarra na incapacidade intelectual do medianeiro, que nada ou pouco lhe oferece em termos de subsídios, ele se depara com obstáculo intransponível.

Os comunicados truncados ou que careçam de desenvolvimento lógico têm no subconsciente do médium a sua causa.

Pedimos vénia para ilustrar esta abordagem com a experiência vivenciada pelo médium Chico Xavier, quando trabalhava na recepção da obra "Nosso Lar". Em determinado trecho da narrativa, temendo estar mistificado por um espírito, em suas descrições da cidade espiritual, o médium paralisou as suas atividades de recepção. Foi necessário que o autor desencarnado da referida obra providenciasse, em estado de desdobramento lúcido, a visita de Chico a "Nosso Lar".

A personalidade mediúnica, dotada de discernimento, com o intuito de preservar o próprio equilíbrio, costuma repelir qualquer informação que atente contra o bom senso do "já conhecido" ou que se traduza por perigosa novidade ante o "já sabido".

Dentro do contexto acima é que se encontra a dificuldade de certos medianeiros na recepção de datas, nomes, apelidos e outros detalhes de identificação por parte da entidade manifestante.

Até certo ponto, André Luiz, na escrita mediúnica de "Nosso Lar", contou com a docilidade do instrumento de que se valia; porém, ao fazer inédita abordagem para o psiquismo do médium, experimentou imediata rejeição...

Poderia o autor espiritual de a obra citada ter continuado, à revelia do médium? - eis a pergunta que, naturalmente, se impõe. Respondemos que sim, porém não sem constrangimento à vontade do intermediário encarnado, o que caracterizaria obsessão. Ou, então, com a sua anuência irresponsável, que significaria leviandade.

Vejamos que, de fato, espírito e médium são chamados a trabalhar em regime de parceria consciente, um suprindo as possíveis limitações do outro.

Já tivemos oportunidade de dizer alhures que se o espírito deve se preparar

para o médium, o médium, pela mesma razão, necessita de se preparar para o espírito.

À época das mesas girantes, o trabalho do intercâmbio, quase todo ele, corria por conta dos Espíritos. Daí, a grande dificuldade material que precisava ser vencida e o imenso dispêndio de energia, tanto da parte do médium quanto do espírito.

Quanto maior volume de informações o médium armazenar em seu subconsciente, maior facilidade a entidade comunicante encontrará para se expressar.

Geralmente, o espírito que se manifesta, seja ele qual for, entra com a ideia e a emoção, relegando ao medianeiro a tarefa de revesti-los com palavras. Por esse motivo, o vocabulário em que uma comunicação é verbalizada, seja por meio da escrita ou da palavra oral, pertence mais ao médium que ao espírito.

O escrúpulo do médium, por temer estar mistificando ou algo que o valha, somente se justifica quando ele próprio não se encontra seguro de qual é a sua verdadeira intenção no exercício da mediunidade.

4

PRODUÇÃO MEDIÚNICA E ANÍMICA

5. As comunicações provindas do espírito do médium são sempre inferiores às que poderiam ser dadas por espíritos estranhos?

— Sempre não, porque o espírito estranho pode ser de ordem inferior à do médium e por isso falar menos sensatamente. Vemos isto no sonambulismo, porque aí, o mais das vezes, é o espírito do sonâmbulo que se manifesta e que diz, contudo, algumas vezes, coisas muito boas. (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

Existem companheiros que, não raro, no anseio de serem médiuns, acabam por anular a própria capacidade de produzir intelectualmente para a Doutrina.

Expliquemo-nos. Nem sempre o exercício da mediunidade ostensiva é su-

perior à condição pessoal do espírito que se encontra encarnado.

Abdicando de falar ou de escrever por si mesmos, segundo o conhecimento que possuem, muitos se reduzem a médiuns de insignificante produtividade.

Tentemos esclarecer mais o que dizemos. O espírito encarnado, sob influência apenas da inspiração, pode ser mais útil à Causa sem que, para tanto, necessite abraçar a mediunidade, tornando-se intérprete específico dos desencarnados.

Há quem deixe de ser excelente articulista para ser limitado médium psicógrafo.

Outro renuncia ao verbo brilhante, que soa em seus lábios com proveito real para todos, pelo capricho de ser rotulado médium, qual se a condição mediúnica fosse superior à de tribuno.

Outro, ainda, despreza a mediunidade de cura pela simples imposição das mãos, para complicar-se como medianeiro de intervenções cirúrgicas espetaculosas.

Se existem espíritos que algo acrescentam ao médium, também existem os que algo lhe retiram.

Ser médium em atividade nem sempre é o melhor serviço que se pode prestar ao ideal espírita.

E, depois, a mediunidade pode ser exercida de muitas maneiras, sem que, necessariamente, alguém há que se declarar médium para tanto.

Allan Kardec, embora não possuísse nenhuma faculdade mediúnica em destaque, pode ser considerado o maior médium da Codificação.

Autores encarnados são tão respeitáveis no que produzem quanto os desencarnados.

A cultura mediúnica não deve ser colocada acima da cultura com predominância anímica, mesmo porque os espíritos, nada mais sendo homens fora do corpo, possuem os seus inúmeros atavios de ordem intelectual.

O crivo sobre o que se origina dos espíritos sempre pertencerá aos homens.

Não estamos, com isto, desconsiderando a vocação mediúnica de quem quer que seja; não obstante, o Espiritismo está a carecer de pensadores encarnados que façam, na Terra, fermentar as ideias que emanam do Alto.

Portanto, antes de efetuar a opção de enveredar pelos caminhos da mediunidade, convém que o adepto da Doutrina examine em que posto poderá mais bem servir à Causa que abraça.

Em muita gente sem discernimento e capacidade de renunciar, mediunidade é a medida da ambição pessoal, na busca de fama e notoriedade, o que, convenhamos, colide frontalmente com os preceitos doutrinários mais elementares.

Cabe-nos aqui, no entanto, uma ressalva: que os não-médiuns, por se sentirem frustrados em seus anseios pessoais no campo da mediunidade, não se transformem em críticos implacáveis dos que, com enorme esforço, estão lutando para cumprir com o dever que lhes compete.

Na seara espírita, há espaço suficiente para que todos possam oferecer o seu contributo à construção da Nova Era, sem que, para brilhar no universo de suas infinitas possibilidades, careçam de empanar o brilho dos outros.

5

O MÉDIUM COMO INTÉRPRETE

6. O espírito que se comunica por um médium transmite diretamente seu pensamento, ou então este pensamento tem por intermediário o espírito encarnado do médium?

— E o espírito do médium que é o intérprete, porque ele está ligado ao corpo que serve para falar e porque é preciso uma ligação entre vocês e os espíritos estranhos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia ao longe e na ponta do fio uma pessoa inteligente que a receba e transmita.

Os Espíritos Superiores definiram sem rodeios: "É o espírito do médium que é o intérprete"! Isto significa dizer que, em todo comunicado, notadamente nos de natureza intelectual, a participação do medianeiro é inevitável.

Em nenhum comunicado do Mais Além, o médium é mera figura decorativa. A sua influência intelecto-moral é decisiva.

Assim sendo, que o médium não supervalorize a questão do animismo e tampouco se deixe afetar pela opinião dos que teorizam em demasia a respeito.

Cabe ao médium filtrar o comunicado, ou seja: adequar o pensamento do espírito às palavras que o traduzam sem distorções comprometedoras.

O médium não é um objeto inanimado. Sendo assim, é natural que haja interferências de sua parte na recepção da mensagem transmitida - interferências, inclusive, que hão de depender de seu estado de espírito quando do momento do transe.

Comparemos o pensamento do espírito comunicante a uma substância líquida - água, por exemplo -, que se amolda ao vasilhame sobre o qual se derrama.

Não importa se a água é servida ao sedento numa caneca de alumínio ou num copo de vidro - ela não pode é deixar de ser água, perdendo as suas propriedades.

Se, por exemplo, a água se transformar em vinagre, deixará de cumprir com a função de dessedentar.

O médium é o recipiente sobre o qual o pensamento do espírito se amoldará, copiando-lhe as mais discretas reentrâncias.

Podemos dizer que, apenas em condições de excepcionalidade, o pensamento do espírito chega aos ouvidos humanos sem esta ou aquela distorção. Por esse motivo, Jesus Cristo dispensou medianeiros para a sua Palavra, preferindo vir Ele mesmo para pronunciá-las e vivenciá-las! Aliás, para o Pensamento de Jesus, não haveria, como não há, médium humano à altura.

Consideremos, ainda, que há interferências negativas e positivas. Médiuns que auxiliam e médiuns que prejudicam. Médiuns que suprem deficiências e médiuns que deturpam.

Como, pois, não interferir é quase impossível, o melhor instrumento mediúnico é aquele que interfere positivamente. É o que se torna coadjuvante do espírito, concorrendo, de maneira ativa, para o bom êxito do intercâmbio.

Por mais profundo seja o transe, a participação do médium, como instrumento inteligente, nunca é absolutamente nula.

Concluimos, então, sem dificuldade, que o médium necessita estudar, oferecendo ao espírito a maleabilidade intelectual que lhe seja possível.

Convém esclarecer que os espíritos comunicantes, por vezes, principalmente quando mais elevados, dão preferência a um médium com certa deficiência intelectual, mas que, moralmente, corresponda às expectativas. É que o prejuízo intelectual, neste ou naquele comunicado, é mais fácil de reparar do que o prejuízo de ordem moral.

O prejuízo intelectual pode ser reparado com palavras, recorrendo ao dicionário ou até mesmo aos préstimos de um bom revisor, ao passo que o prejuízo moral pode comprometer toda a essência do comunicado.

Mais que o seu grau de cultura geral e conhecimento teórico da Doutrina, os espíritos sérios procuram auscultar a intenção do médium.

6

SINTONIA E AFINIDADE

"... procuram (os espíritos) o intérprete que melhor simpatiza com eles e que mais exatamente traduz seus pensamentos. Se não houver entre eles simpatia, o espírito do médium é um antagonista que traz uma certa resistência e torna-se um intérprete de pouco valor e frequentemente infiel." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

Quanto maior a afinidade entre o médium e o espírito, maior o entrosamento psíquico que entre os dois se estabelece.

Em mediunidade, sintonia a afinidade não se improvisam.

O médium, para ganhar a simpatia dos Bons Espíritos, carece de provar a eles a sua sinceridade de propósitos.

Os espíritos, de maneira geral, aproximam-se aleatoriamente dos encarnados, mas

os espíritos sérios procuram estreitar laços com aqueles que estejam imbuídos dos mesmos sentimentos e intenções.

Quase sempre, a simpatia entre médium e espírito, com finalidade de trabalho construtivo no bem, é anterior à encarnação atual.

A familiaridade entre médium e espírito é de suma importância para que ambos possam servir em regime de confiança recíproca.

Portanto, no transe mediúnico, a combinação fluídica e a homogeneidade das vibrações que ocorrem é consequência de causas mais profundas a envolver os seus protagonistas.

A conexão mediúnica não acontece instantaneamente e nem pode estar sujeita a constantes interrupções.

Podemos dizer que, entre médium e espírito com tarefa a ser desenvolvida, o contato é permanente, sem que, necessariamente, o médium careça de estar em transe.

Aliás, o transe mediúnico mais profundo é o que acontece com características de maior naturalidade possível, sem extravagância.

Nos quadros obsessivos, por consentimento indireto, tem-se a sujeição de uma mente à outra. Na mediunidade evangelizada, o que se tem é uma anuência bilateral, sem imposição de qualquer espécie.

Na obsessão, a insanidade. Na mediunidade, a lucidez.

Na obsessão, muitas vezes, o ódio. Na mediunidade, o amor sempre.

Quando um médium não corresponde à expectativa do espírito, por mais que este lhe tenha afeição, procura outro.

Nesse sentido, é bom lembrar que o médium possui igual direito: se o espírito o contraria em algum aspecto, o médium pode e, mesmo, deve "substituí-lo".

No exercício cotidiano da mediunidade, o médium, por seu esforço e devotamente), aliados ao conhecimento adquirido, promove uma natural seleção dos espíritos com os quais se permite entrar em comunicação.

O espírito mistificador não encontra campo de atuação no psiquismo do médium comprometido com a Verdade. Isso não significa que ele não possa ser assediado

- sim, ele o poderá ser, como o Cristo foi tentado no deserto, mas não oferecerá receptividade.

A relação entre espírito e médium, em tudo, é semelhante à relação existente entre duas pessoas encarnadas: sem verdadeira reciprocidade de sentimentos, a amizade não se solidifica.

Mesmo o médium que atua nas sessões de desobsessão, concedendo passividade a espíritos que, por seu intermédio, se manifestam esporadicamente, conta com a supervisão de um instrutor desencarnado que o auxilia na tarefa. Em tais casos, pode, inclusive, ocorrer uma "dupla incorporação", ou seja: o médium alberga em seu psiquismo o espírito comunicante, sob o controle direto da entidade espiritual que esteja a tutelá-lo. Este fenômeno, que também poderemos chamar de *incorporação assistida* (temos ainda a escrita assistida) é mais frequente do que se imagina. Na psicografia de espíritos que redigem cartas aos seus familiares encarnados, o controle, quase sempre, é exercido por espíritos de maior sintonia e afinidade com os médiuns.

7

MÉDIUNS MECÂNICOS

"... para uma comunicação inteligente ele (o espírito) necessita de um intermediário inteligente, e que este intermediário é o espírito do médium." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

A participação do médium é sempre indispensável, mesmo nas comunicações de efeitos físicos.

Por ele somente, o espírito não consegue varar a barreira das dimensões diferentes e se fazer sentir no Mundo Físico.

Os chamados médiuns mecânicos, ou inconscientes, igualmente participam intelectualmente do fenômeno - conforme dissemos, não são absolutamente nulos.

Consciência e inconsciência mediúnicas são apenas uma questão de menor ou maior profundidade do transe.

Os espíritos esclarecidos preferem trabalhar com médiuns conscientes, porquanto, em semelhante fenômeno, dividindo responsabilidades com o medianeiro, o seu dispêndio de energia mental não é tão desgastante.

A ausência de memória do que se passa no momento do transe não significa estado de inconsciência mediúnica.

Os Espíritos da Codificação, discorrendo sobre a participação intelectual do médium, mesmo nos fenômenos de efeitos físicos, foram claros: "... o espírito pode dar ao corpo inerte uma vida fictícia momentânea, mas não inteligente; jamais um corpo inerte foi inteligente. É então o espírito do médium que recebe o pensamento sem o saber e o transmite pouco a pouco, com o auxílio dos diversos intermediários."

O que está escrito acima nos leva a deduzir: quando, no fenômeno de efeitos físicos, há uma mensagem inteligente, o

médium está cedendo para a sua produção muito mais que ectoplasma...

A inconsciência mediúnica é apenas teórica.

Nos fenômenos de tipologia, estudados por Kardec, as pancadas não eram desferidas a esmo, sem uma coordenação inteligente.

"Sem o saber", além de ectoplasma, do médium emanava uma força intelectual de que o espírito comunicante se apropriava, para, por meio dela, manipular o elemento ectoplásmico.

Podemos dizer, pois, que o médium de efeitos físicos nunca é apenas e tão-somente médium de efeitos físicos. É através de sua vontade, mais ou menos acentuada e lúcida, que os espíritos utilizam as energias que impressionam a matéria.

Em "O Livro dos Médiuns", abordando o tema que estudamos, os Espíritos escreveram: "Vocês não se dão bem conta do papel que desempenha o médium; há nisso uma lei que vocês ainda não apanharam"...

Talvez valha lembrar que, através dos médiuns de efeitos físicos não-evangelizados ou não conscientes de sua responsabilidade, os espíritos inferiores promovem fenômenos que chegam até a ser agressivos. É que o ectoplasma, como a força muscular, é uma energia neutra, que também pode ser canalizada para o bem quanto para o mal.

Concluimos, portanto, que o médium sempre é responsável pela natureza dos fenômenos que os espíritos produzem por seu intermédio.

Um espírito de ordem inferior jamais se materializa pelo ectoplasma de um médium espiritualizado - se, porventura, o fizesse, ele, sob o controle do médium, permaneceria sem ação!

As meninas Baudin (Julie e Caroline), de 12 e 14 anos, respectivamente, além de excelentes médiuns de efeitos físicos, traziam em seu subconsciente recursos intelectuais de que os Espíritos da Codificação extraíram preciosas informações, para grafar os Princípios da Doutrina Espírita.

Enquanto Kardec não surgiu em cena, com o seu gênio extraordinário, o fenômeno das mesas girantes, embora tenha sido o berço do Espiritismo, não passava de manifestações levianas.

Do ponto de vista intelectual e moral, não existe neutralidade mediúnica absoluta.

PASSIVIDADE RELATIVA

10. Parece resultar destas explicações que o espírito do médium nunca é completamente passivo? — É passivo quando não mistura suas próprias ideias às do espírito estranho; porém jamais é absolutamente nulo; seu concurso é sempre necessário como intermediário, mesmo nos que vocês chamam de médiuns mecânicos. (Cap. XIX- Papel do médium nas comunicações espíritas)

Está claro: em mediunidade, a passividade é sempre relativa.

Mesmo nos médiuns chamados mecânicos, ou inconscientes, a sua participação intelectual é inegável.

Portanto, em hipótese alguma, o médium poderá se eximir de responsabilidade, no que tange à qualidade do fenômeno que, por seu intermédio, se produz.

É sua obrigação estudar e aprimorar-se sempre.

Assim como o auxiliar designado instrumenta o cirurgião, o médium é o instrumentador do espírito. Da experiência de um e da perícia de outro, dependem o êxito da intervenção.

Se, por exemplo, o médium sente que o espírito deseja desenvolver um assunto que não seja de seu conhecimento imediato, tem ele a obrigação de pesquisar e de se colocar apto.

Espírito algum supre a ignorância do médium.

Se espíritos de músicos desencarnados se aproximam de determinado médium, com o intuito de proclamar a realidade da sobrevivência por meio de sua arte, o médium, se nada conhece a respeito do assunto, deve procurar estudá-lo.

O mesmo ocorre no campo da poesia, da pintura, enfim, nos diversos setores da atividade humana.

Os Espíritos, respondendo a Kardec, admitiram a existência de passividade apenas

quando o médium não mistura, ou seja, não deturpa as ideias que o espírito comunicante deseja transmitir por seu intermédio.

Então se deduz: passividade mediúnica é identificação plena, envolvendo pensamentos, sentimentos e objetivos - espírito e médium devem estar animados pela mesma intenção.

Em mediunidade, igualmente se aplica a lei: "semelhante atrai semelhante"!

Existem médiuns que, por interesses pessoais, trancam o pensamento dos espíritos, que, ao constatarem o fato, logo os abandonam.

Por outro lado, há médiuns que "consertam" o pensamento dos espíritos - os espíritos entram com a ideia um tanto obtusa, e eles entram com a sua forma mais clara de apresentação.

O médium é como se fosse um tradutor de idiomas. Determinados tradutores podem imprimir à palavra pronunciada ou escrita um sentido que não era a intenção de seu autor lhe conferir.

Consoantes circunstâncias e interesses em pauta, uma simples imagem dá azo a múltiplas interpretações.

Não há um só comunicado de além-túmulo cujo autor desencarnado, se pudesse, não faria este ou aquele reparo.

O próprio médium, com o passar do tempo e a aquisição de maior experiência, filtraria diferente agora o que filtrou no passado.

É que médiuns e espíritos evoluem, modificando, a cada dia, o seu pensamento e modo de expressão.

Nenhum médium, como nenhum espírito, é infalível.

A mediunidade na Terra funciona sob as limitações pertinentes aos seus protagonistas.

Medianeiro Perfeito, só Jesus Cristo o foi entre os homens!

Compreendendo semelhantes verdades, Paulo, inspiradamente, grafou, em sua Iª Carta aos Coríntios, capítulo 14, versículo 32: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas".

MÉDIUM INTUITIVO

11. Não haverá mais independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

— Sem nenhuma dúvida e para certas comunicações, um médium mecânico é preferível; mas quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, isto se torna indiferente, segundo as circunstâncias; quero dizer que há comunicações que exigem menos precisão. (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

Não há distinção entre o médium consciente e o intuitivo. Ambos atuam com plena lucidez de suas faculdades.

Aliás, o que em muitos sensitivos se classifica como fenômeno de psicografia, por vezes, não passa de clariaudiência.

Não raro, médiuns que, principalmente, falam ou escrevem sob o impulso

dos espíritos, apenas registram por telepatia o que lhes é transmitido.

Na maioria das ocasiões, o que o espírito deseja transmitir é a ideia - o que lhe importa é a essência de seu pensamento, sendo-lhe indiferente a forma de expressão.

Nem sempre, no que se considera o exato momento do transe, o desencarnado está a controlar as faculdades do mediano. Pode ser que, mediunizado pelas ideias com que o espírito lhe fecundou anteriormente o psiquismo, o médium se ponha a trabalhar com os recursos intelectuais que lhe dizem respeito, com a finalidade de exteriorizar o pensamento do desencarnado.

Acontece, por exemplo, inúmeras vezes, o espírito se entender com o médium fora do corpo, em seus instantes de desdobramento pelo sono natural. Ao despertar, sob a empolgação do diálogo entabulado, na primeira oportunidade de que dispõe, o médium providencia registrá-lo com a clareza possível.

Quando entre médium e espírito há afinidade suficiente, o transe chega a dispensar a presença física do espírito no recinto em que o fenômeno se processa.

O entendimento intelectual entre espírito e médium em sintonia não se sujeita às questões de espaço e tempo.

O transe mediúnico, que transcende dimensões, é atemporal.

Na obsessão, mormente na que envolve subjugação corporal, a proximidade entre vítima e algoz é evidente.

Obsessão é primitivismo mediúnico.

O espírito esclarecido, para comunicar-se, não precisa estar perto. Na comunicação telefônica, os que conversam entre si podem estar, na Terra, a inimaginável distância um do outro e até fora da órbita planetária.

Em alguns médiuns, o estado de transe pode, pois, ser quase permanente, sem que careçam estar visivelmente mediunizados.

No dia-a-dia, há muito mais mediunidade entre os homens do que se supõe - mediunidade de desencarnado para encarnado e também de encarnado para encarnado.

No Grande Futuro, a mediunidade será exercida com a naturalidade tal, que

todos se valem de seus sentidos físicos predominantes.

Por esse motivo, educar a mediunidade significa educar o espírito, fazendo com que ele cresça em sensibilidade.

Mediunidade é algo que não se aprende apenas nos livros: a vivência é fundamental! E ninguém vivência a mediunidade fora do contexto em que foi colocado para servir.

Em suma: no que tange a desenvolvimento mediúnico, toda técnica é obsoleta.

O melhor médium é aquele que se forja nas lutas e provas da Vida, ampliando a sua condição receptiva pelo desenvolvimento de sua capacidade de amar os semelhantes.

10

MEDIUNIDADE E DESCRENÇA

"O espírito desencarnado ao dirigir-se ao espírito encarnado do médium, não lhe/ala nem em francês, nem em inglês, mas na língua universal, que é a do pensamento; para traduzir suas ideias na linguagem articulada, transmissível, ele tira suas palavras do vocabulário do médium." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas, item 15)

O médium deve dispensar os espíritos, que por ele se comunicam, de lhe dar uma prova pessoal da imortalidade.

A questão da sobrevivência da alma, após a morte do corpo, carece de ser previamente solucionada por ele, sob pena de transformar-se o próprio medianeiro no

maior obstáculo ao intercâmbio legítimo entre as Duas Esferas.

A princípio, os espíritos não entram em contato com os encarnados tendo o propósito de convencê-los acerca das realidades da Vida Espiritual, mesmo porque crer ou não crer é pertinente a cada um.

Os desencarnados, em seus comunicados de além-túmulo, por mais convincentes sejam, apenas fornecem subsídios para a crença, que, em última análise, é conquista individual e intransferível.

A certeza de que um médium possua da Vida, após a morte, se traduz em suas atitudes no cotidiano - ela se reflete em seu modo de viver.

Assim, que o medianeiro, seja qual for a sua faculdade, se limite ao cumprimento do dever a que é chamado, procurando não extrapolar em suas atribuições.

Pregando em Nazaré, cidade em que crescera, diz-nos Mateus, no capítulo 13, versículo 58, de suas anotações, que Jesus "não fez ali muito milagres, por causa da incredulidade deles."

Ora, está claro: Jesus não fez muitos milagres em Nazaré, mas os fez, e, mesmo assim, não logrou a adesão da maioria... Testemunhando os prodígios que eram feitos aos seus olhos, por se suporem iludidos, eles não acreditavam!

Marcos, no Evangelho de sua autoria, capítulo 3, versículo 21, afirma categórico: "E quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender, porque diziam: Está fora de si".

O Cristo, que era o Cristo, sequer logrou, à exceção de sua Mãe, convencer os próprios familiares!

Os fenômenos das mesas girantes, que empolgaram toda a Europa e a América do Norte, resultando na Codificação Espírita, não foram capazes de subtrair ao comodismo milhares de indiferentes que os puderam presenciar à saciedade.

Durante três anos consecutivos, *Sir* William Crookes, um dos físicos mais destacados do século XIX, realizou experiências com a médium adolescente Florence Eliza Cook, observando as frequentes materializa-

zações de Katie King, enviando extenso relatório sobre a autenticidade do fenômeno à Royai Society, de Londres, que simplesmente o arquivou, dando o caso por encerrado.

Que o médium, portanto, no anseio, por vezes justo, de ser instrumento de crença na imortalidade aos cépticos, não corra o risco de ridicularizar a própria fé.

A crença na sobrevivência da alma está afeta à maturidade do senso moral e não apenas ao intelecto.

Que cada medianeiro se limite a ser o médium que é, convicto de que, no cumprimento regular do dever que lhe cabe, no exercício de suas modestas faculdades, ele estará fazendo a parte que lhe compete pela vitória do Ideal.

Sobretudo, conscientizemo-nos de que, se a mediunidade consegue sobreviver à dúvida dos que, não raro, dela escarnecem publicamente, sempre sucumbe à fragilidade espiritual de seu portador.

De maneira geral, os médiuns, na presente experiência reencarnatória, lidando com as suas faculdades incipientes, estão

trabalhando na construção da fé em si mesmos, para, depois - e somente depois -, se transfigurarem em elementos de crença para os semelhantes.

O MÉDIUM COMO OBSTÁCULO

17. A aptidão de alguns médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não proviria de que esta língua lhes teria sido familiar numa outra existência e da qual teriam conservado a intuição? — Isto pode certamente acontecer, mas não é a regra; o espírito pode, com alguns esforços, vencer momentaneamente a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, em sua própria língua, palavras que não conhece. (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas)

No capítulo XIX de "O Livro dos Médiuns", que presentemente estudamos, os Espíritos se referem, diversas vezes, ao médium como obstáculo ao intercâmbio entre as duas dimensões.

Curioso, porque, justamente o instrumento que deveria facilitar tal contato - o médium -, de repente, se transforma em empecilho quase intransponível.

E vale ressaltar que os Espíritos, no capítulo em análise, não estão se referindo ao médium como obstáculo moral, e, sim, material.

Em que circunstâncias, pois, os médiuns seriam "dificuldade mecânica" à livre manifestação dos espíritos por seu intermédio?

Imaginemos um professor ditando palavras a um aluno que ainda não aprendeu a escrevê-las perfeitamente. Mesmo que o professor se disponha a lhe guiar a mão na escrita, a dificuldade, por exemplo, para se redigir um texto mais ou menos longo será enorme.

Consideremos ainda alguém tentando falar num idioma estrangeiro a uma pessoa que mal se expressa em Português. No máximo, inclusive recorrendo ao auxílio da mímica, conseguirá apenas rudimentos de entendimento.

Por que os Espíritos abandonaram a cestinha de vime, por meio da qual escreviam sem tantas interferências intelectuais do medianeiro, permutando-a pela psicografia?

Embora soubessem que a escrita psicográfica lhes criaria outra espécie de embaraço, os Espíritos a preferiram às mesas que giravam e às cestas de vime, porque a logística do contato era demasiadamente morosa e estafante.

O embaraço material a ser superado pelo espírito comunicante está diretamente relacionado a causas de natureza intelectual e biológica.

Senão, vejamos. Por que os médiuns psicofônicos, através dos quais os espíritos trabalham com a palavra articulada, são mais numerosos que os psicógrafos? A resposta é óbvia. É que o domínio da escrita pelo cérebro humano é muito mais recente do que a faculdade de verbalizar a palavra. Os órgãos da fonação estão mais adestrados que os reflexos motores que possibilitam ao homem escrever o que pensa. É mais fácil falar do que escrever!

Atentemo-nos para quanto os médiuns carecem de se preparar, a fim de que se façam instrumentos mais ou menos maleáveis para os espíritos que lhes buscam o concurso.

Além da necessidade de se evangelizarem, para que não se tornem obstáculos de ordem moral, carecem de adestramento intelectual e, por que não dizer físico?

O espírito que procura um médium para a concepção de telas mediúnicas espera que, no mínimo, ele saiba manejar a paleta e fazer a diferenciação das cores.

Outro que, porventura, deseja se expressar no idioma do Codificador, objetivando fins particulares que, agora, não nos cabe apreciar, permanece na expectativa de que o médium, pelo menos, o favoreça com conhecimento básico do Francês.

Não apenas o moral e o intelecto constituem impedimentos para os espíritos que desejam contatar os encarnados - mas o corpo também!

MÉDIUM DE TAREFA

"A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência, tanto quanto das qualidades morais, e na falta de um melhor instrumento o espírito pode servir-se do que tem à mão; mas é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, ele prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais." (Cap. XIX - O Papel do médium nas comunicações espíritas - item 19)

O médium com o qual os espíritos contam, para a realização de determinada tarefa, não é aquele que se dedica esporadicamente ao exercício de suas faculdades.

O médium indisciplinado, que não estuda e tampouco persevera, esmerando-se no cultivo diuturno de suas possibilidades

mediúnicas, procurando ampliá-las, não deve esperar que a Espiritualidade Superior assumira compromisso sério com ele.

Sabemos que são muitos os impedimentos que o médium fazia no cumprimento do dever, mas, por outro lado, não ignoramos a falta de empenho daqueles que se amolentam ante os percalços

Mediunidade, que se traduz por oportunidade de ascese espiritual, não é caminho atapetado de flores para ninguém.

Os homens, de maneira geral, não levam em consideração as dificuldades que os desencarnados enfrentam para estabelecer um contato regular com os que se encontram nas lides da experiência física. A ideia que temos é que muitos, equivocadamente, nos supõem desocupados neste Outro Lado, prontos a atendê-los, ao mais leve estalar de dedos.

Parceria mediúnica produtiva se alicerça no esforço recíproco entre encarnado e desencarnado.

Os Espíritos da Codificação foram claros e incisivos que, "para comunicações

de certa ordem", a preferência recaia sobre os médiuns que inspiram maior confiança.

Quantos médiuns inconstantes queixando-se de escassa colheita na seara em que não transpiram!

Quantos outros a cumulem de exigências descabidas o Plano Espiritual, sem que quase nada façam para que tenham direito ao que reivindicam!

O maior obstáculo material, com que o espírito comunicante se depara, é justamente o - não comparecimento do médium às sessões mediúnicas que frequenta.

Um exímio pianista, se, mesmo por motivo justificado, se sente compelido a determinado período de afastamento das teclas do piano, praticamente terá que recomeçar como se não fosse mais que um principiante.

Um ator que, por esta ou aquela causa, passe longo tempo fora do palco, ao voltar a representar, experimentará os titubeios de quem ainda não aprendeu a se movimentar em cena.

Constantes interrupções na sintonia mediúnica acarretam prejuízos de vulto para o exercício da mediunidade.

Experimente, por exemplo, o jardineiro deixar de regar o jardim que espera ver florido na primavera.

Médium que, numa semana, é médium e, na outra, não o é, assemelha-se a quem quer aprender a escrever ignorando determinadas letras do alfabeto!

Enquanto a mediunidade não for levada com a seriedade que requer que dela, no máximo, se poderá colher serão frutos sazonais.

Aqui se aplica a lição da Parábola da Figueira Seca, à qual Jesus recorreu para ensinar que o discípulo sincero da Boa Nova deve estar sempre pronto para servir quando for chamado e não apenas quando lhe convier.

É devido à sua inconstância e irregularidade, ou seja, à sua falta de compromisso com a Espiritualidade Superior, que os médiuns se mostram instrumentos improdutivos. Não se trata de deficiência da faculdade que possuem nem de ausência da indispensável cobertura espiritual que eles vivem a reclamar, mas de franco comodismo e desinteresse de sua parte.

TIPO DE MEDIUNIDADE

21. Acontecerá o mesmo com aqueles que têm uma aptidão especial para o desenho e a música?

— Sim; o desenho e a música são também modos de se exprimirem pensamentos; os espíritos utilizam os instrumentos que lhes oferecem mais facilidade. (Cap. XIX-Papel do médium nas comunicações espíritas)

A aptidão mediúnica se revela em cada médium de acordo com a sua capacidade de captar e expressar o pensamento dos espíritos.

A rigor, ninguém pode dizer ao médium que ele seja portador desta ou daquela faculdade.

Às vezes, por exemplo, ele começa como psicógrafo e, depois, se define como psicofônico, ou vice-versa.

O medianeiro não deve cultivar preferência por este ou aquele tipo de mediunidade, fugindo às suas características naturais.

Em essência, a base das faculdades mediúnicas de efeitos intelectuais é a mesma, não diferindo substancialmente uma da outra.

Mediunidade é pensamento a pensamento.

Quem enxerga ou escuta os espíritos, os escuta ou enxerga através do pensamento.

Os espíritos poetas procurarão um medianeiro que tenha facilidade no campo da poesia.

Os espíritos pintores escolherão um sensitivo que possua predisposição para a arte da pintura.

Raros são os médiuns que, possuindo múltiplas faculdades, conseguem atuar em todas elas. A faculdade mediúnica predominante absorverá as demais, que, assim, passarão a concorrer pela melhor produtividade da que se destaca.

A insatisfação do médium com a faculdade de que seja portador, desejando

outra que não possui ou, ainda, ambicionando a que determinado medianeiro exerce, praticamente o anula para a execução da tarefa que esteja ao alcance de suas possibilidades.

Infelizmente, muitos médiuns, dotados de excelentes recursos medianímicos, digamos, menos dados à publicidade, complicam-se por não se contentarem com os discretos, porém úteis talentos que lhes foram confiados.

Mediunidade mais ampla é sinônimo de sensibilidade que se amplia.

Não nos esqueçamos de que a faculdade que Jesus mais exercia em seu ministério divino era a da cura! Ele ressuscitava os mortos, fazia andar os paralíticos, devolvia a visão aos cegos, curava obsedados, por meio da simples imposição das mãos.

O Senhor endossava com as mãos a excelência da Mensagem que verbalizava.

A importância, pois, do médium em serviço não está na espécie da faculdade mediúnica que exerça, e, sim, nos frutos que advenham de seus esforços.

Discreto dom mediúnico trabalhado com amor vale mais, para a Doutrina, que a mais expressiva faculdade exercida com vaidade e personalismo.

Ansiando por incorporar espíritos, poucos são os que se lembram de incorporar as lições de Jesus no cotidiano, transformando-se em exemplos vivos do Evangelho.

Querendo psicografar livros, raros os que se dispõem a grafar, com a própria vida, as noções que despertam as consciências secularmente adormecidas.

Médiuns de espíritos se multiplicam em toda parte, todavia médiuns do Cristo no mundo continuam sendo muito poucos. E são justamente estes últimos os detentores das mais preciosas e nobres faculdades postas a serviço da crença na Imortalidade entre os homens na Terra!

MEDIUNIDADE E DESENVOLVIMENTO

23. Por que o homem que tem um talento excepcional numa existência não o tem numa existência seguinte?

— Não é sempre assim, porque frequentemente ele aperfeiçoa numa existência o que começou numa precedente; mas pode dar-se que uma faculdade transcendente adormeça durante um certo tempo para deixar mais livre uma outra para se desenvolver; é um germe latente que será encontrado mais tarde e do qual ficam sempre alguns traços ou pelo menos uma vaga intuição. (Cap. XIX-Papel do médium nas comunicações espíritas)

A mediunidade é um sentido que, embora esteja a despontar no psiquismo humano de algum tempo para cá, nele se encontra em desenvolvimento desde eras remotas.

Por assim dizer, quais todos os seus demais sentidos, a mediunidade, em estado latente, existe no espírito desde a sua criação.

Conforme sabemos, a condição mediúnica independe de raça, sexo, religião ou qualquer outro estado discriminatório entre as criaturas.

O espírito é naturalmente dotado de percepções medianímicas que tendem a se ampliar ao longo de suas experiências na reencarnação.

O próprio princípio inteligente revela, na espécie animal em que evolui, uns mais que outros, sensibilidade aguçada que, nele, é o esboço de futuras faculdades também ditas paranormais.

Portanto, reafirmando, a mediunidade é um sentido extrassensorial que se encontra em aperfeiçoamento gradativo e não já em desenvolvimento completo em quem quer que seja.

Todo médium humano, encarnado ou não, está em processo de desenvolvimento, não havendo mesmo um só que nada mais tenha o que acrescentar às suas percepções.

Aliás, diga-se de passagem, em matéria de mediunidade, agora é que o homem está saindo da caverna...

Toda faculdade mediúnica é suscetível de burilar-se quase ao infinito.

Dentro do exposto, é legítimo concluir que o médium, a cada existência, tende a ser mais médium do que foi na anterior.

Quando indagado sobre o que haveria de ser, ao desencarnar, Chico Xavier - o maior fenômeno mediúnico da História - respondia: — "Se o Senhor me consentir, serei médium..."

A resposta do grande medianeiro não apenas colocava em evidência a sua modéstia e humildade. Ele sabia que a mediunidade, sendo uma consequência evolutiva, é condição para sempre!

É claro que aquele que não faz bom uso de suas faculdades medianímicas pode vir a tê-las transitoriamente suspensas, quando não degeneradas em lamentáveis quadros obsessivos de curso mais ou menos longo. Aqui, igualmente, se aplica a advertência do Cristo: "Se a vossa mão ou o

vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós..."

Melhor não se ser médium ostensivo numa encarnação do que, sendo, se comprometer devido à leviandade no trato com as coisas do espírito.

Toda mediunidade no médium mais completo que se conhece é somente começo de mediunidade!

Assim sendo, ninguém se julgue dispensado de estudar e aprender sempre.

Através do exercício perseverante da mediunidade é que o médium, um dia, chegará a ser o que pretende, ou seja, médium de fato para melhor servir aos propósitos divinos.

Se os sentidos físicos estão em desenvolvimento há milênios sem data, continuando a se aperfeiçoar quais os demais órgãos que constituem o corpo, de quantos milênios a mediunidade, como percepção de natureza espiritual incipiente, necessitará a fim de que, pelo menos, possa vir a ser utilizada com a espontaneidade que o homem ouve e enxerga os seus semelhantes?...

MEDIUNIDADE E CULTO NO LAR

"... nada é mais antipático ao espírito do que as provas às quais ensaiamos submetê-los. Os Espíritos Superiores a elas não se prestam jamais e afastam-se logo que entramos neste caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias quanto lhes repugna ocuparem-se de coisas fúteis e sem finalidade." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 224)

O médium, seja ele qual for, deve primar pela seriedade, não subordinando as suas faculdades ao diletantismo próprio ou de outrem.

Os Espíritos Superiores não se submetem à curiosidade de quem não deseja comprometimento com a Causa.

Infelizmente, são muitos os que perdem precioso tempo com sessões mediúnicas particulares, realizadas em casa, apenas para atender os próprios caprichos.

No máximo, o que os participantes de tais reuniões conseguirão, será a manifestação de um espírito familiar que consigam atrair, compadecido, muitas vezes, de sua ingenuidade.

Com as múltiplas ocupações que têm no Mundo Espiritual, os espíritos esclarecidos não estão disponíveis aos que anseiam por crivá-los de indagações levianas e sem proveito geral.

Inúmeros espíritos, prevalecendo-se da falta de discernimento dos encarnados que os evocam, fazem-se passar por veneráveis figuras do Espiritismo, sem que, no entanto, sejam elas mesmas. Envaidecidos, então, pelo suposto contato mediúnico com que se sentem distinguidos, os integrantes deste ou daquele grupo familiar se permitem ludibriar por semelhantes entidades que agem sem o menor escrúpulo.

Muitos quadros obsessivos começam assim, partindo do médium incauto e se propagando entre os que, não querendo responsabilidade e trabalho, procuram o diálogo descompromissado com os habitantes do Invisível.

Existem casos de fascinação que, não raro, se estendem por longos anos, escravizando mentalmente os que, por não estudarem a Doutrina, dão excessivo crédito à palavra dos espíritos que se autodenominam "mentores" ou que se comprazem em serem considerados tais.

Não é aconselhável, pois, que, no Culto do Evangelho no Lar, os espíritos se comuniquem de maneira sistemática, notadamente na presença de crianças, adolescentes e mesmo adultos destituídos de maior experiência no trato com os desencarnados.

Mediunidade é para o centro espírita, em reuniões específicas e regulares, com a dupla finalidade de esclarecimento dos espíritos inconscientes da sua situação de desencarnados e terapia para os encarnados necessitados de mais amplo equilíbrio

espiritual, quando lhes é dado ouvir a lúcida palavra dos Instrutores.

Com todo o respeito que devemos aos que se dedicam a outros campos das percepções extrasensoriais, a mediunidade espírita não é para ser exercida como quem se dispõe a ler cartas de baralho ou realizar incursões nos caminhos além da morte, com o único propósito de solucionar questões concernentes ao imediatismo humano.

Allan Kardec escreveu com sabedoria: "... o Espiritismo verdadeiro jamais se exhibirá em espetáculos ou subirá a tabladros de parques de diversões. É mesmo qualquer coisa de ilógico supor que os espíritos venham a desfilar em paradas e se submeterem a investigações como objetos de curiosidade".

A não ser para a transmissão do passe e a oração em favor de quem esteja acamado, o médium cômico de seus deveres deve, sem titubeios, declinar de todo e qualquer convite para participar, sob qualquer pretexto, de sessão mediúnica levada a efeito na intimidade do lar de quem o convida a tanto, sem exceções.

Raro é o médium que, estando encarnado, estaria aparelhado para se prestar a sérias e exaustivas pesquisas em torno de suas faculdades, com o intuito de fornecer aos estudiosos subsídios acerca das realidades da Vida de além-túmulo.

Sabendo disso, que os médiuns, em geral, se limitem a cumprir com o abençoado dever que lhes cabe, como humildes operários do Reino de Deus, ora em construção sobre a face da Terra.

PARCERIA CONSCIENTE E RESPONSÁVEL

"Não é menos pueril dedicar-se a reproduzir estas incorreções (estilo e ortografia) com uma minuciosa exatidão, como vimos Jazer algumas vezes. Podemos, por conseguinte, corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam um tipo característico do espírito que se comunica, em qual caso é útil conservá-las como prova de identidade." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 224)

O médium não deve ter o menor escrúpulo em submeter os comunicados que recebe à revisão doutrinária e gramatical.

O espírito comunicante se preocupa, acima de tudo, com a essência e não com

a forma, que, até certo ponto, pode ser modificada para maior clareza e compreensão do texto.

A orientação de Kardec, neste sentido, evidentemente se aplica mais às publicações impressas, sejam em panfletos ou livros. No entanto, depreende-se de suas considerações, que o médium deve ser a sentinela de suas próprias faculdades, exercendo parceria consciente e responsável com os espíritos que se comunicam por seu intermédio.

É tarefa do médium "revestir o pensamento do espírito" com as palavras que considere mais adequadas à assimilação de seu conteúdo. Se não se considerar apto a tanto, não haverá problema algum em recorrer a capacitado revisor.

Um comunicado do Mais Além não é de todo repreensível no que tange, principalmente, à forma.

Existem, por exemplo, médiuns e espíritos prolixos, tornando o entendimento do texto que produzem mais difícil e confuso.

Outros, ainda, truncam o pensamento, valendo-se de termos que, quem os

lê, necessita estar sempre recorrendo aos préstimos de um bom dicionário.

Espírito e médium necessitam primar pela clareza e objetividade na veiculação do pensamento.

Palavras excessivamente eruditas não caracterizam um comunicado elevado. Inclusive, pode se tratar de uma tática de mistificação - o espírito tentando impressionar os leitores pelo emprego de termos complexos, demonstrando falsa cultura e conhecimento doutrinário.

O médium carece aprender a interpretar o que vê, o que ouve, o que fala, o que escreve e o que sente.

Não tem mesmo importância alguma que, deste ou daquele comunicado, se extraia apenas o conteúdo, descartando o excesso de palavreado, evitando-se a edição de livros excessivamente volumosos que, além de encarecê-los, os torna inacessíveis à leitura da maioria.

Não é verdadeira a ideia de que, por exemplo, num texto psicografado, o seu autor espiritual o escreva, palavra a

palavra, como um professor submetendo a ditado o aluno de série primária.

Coube a Allan Kardec, no que os Espíritos produziam escrevendo por meio da cesta de vime, valendo-se principalmente das faculdades mediúnicas das irmãs Baudin e da Srta. Japhet, acrescentar os sinais ortográficos de praxe, já que os textos assim obtidos se destituíam até de parágrafo e ponto final.

Em um comunicado mediúnico, o que não deve ser alterado, sob pena de distorção irreparável, é o teor do pensamento do espírito. O médium não tem o direito de se prevalecer das ideias do espírito comunicante para nelas incutir as suas ideias pessoais. Por esse motivo, ao grafar uma página do Mais Além, o médium carece de se apresentar de maneira tão isenta quanto possível, ou seja, procurando anular-se psicológica e emocionalmente, pois, caso contrário, interferirá na sua qualidade.

Conhecemos médiuns que colocam mais palavras na boca dos espíritos do que as ideias que estes conseguem lhes inspirar.

Em suma: em mediunidade, o bom senso é indispensável, porque a responsabilidade maior pela comunicação obtida, em regime de coautoria, sempre pertencerá ao médium.

O MÉDIUM IDEAL

"... quando encontramos num médium o cérebro cheio de conhecimentos anteriores latentes, próprios para facilitar nossas comunicações, dele nos servimos, de preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil do que com um médium cuja inteligência fosse limitada e cujos conhecimentos anteriores teriam sido insuficientes." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 225)

É inegável que, do ponto de vista intelectual, os espíritos preferam como médiuns aqueles que lhes possam atender às expectativas para o que pretendem transmitir. Porém, entre um instrumento intelectualmente bem equipado, mas destituído de coração e outro com nítidas limitações intelectuais todavia rico de sentimentos, escolhem o segundo.

Estamos, é óbvio, nos referindo aos espíritos que dão mais importância à essência moral de suas palavras do que a transmissão de meras informações de além-túmulo.

Os Evangelistas que registraram as lições de Jesus, com exceção de Lucas, que era médico e detentor de vasta cultura para a época, eram pessoas de poucos conhecimentos. Por esse motivo, o Evangelho foi escrito mais direcionado ao coração que à inteligência dos homens, como, aliás, carecia de ser, pois a necessidade humana mais premente é melhorar os próprios sentimentos.

O Cristo veio ao mundo para edificar o Reino Divino a partir do coração das criaturas e não propriamente de seu cérebro.

É preferível um médium que ama a outro que apenas conhece.

Sempre há grande risco de os médiuns cultos se elitizarem, distanciando do povo a palavra do Consolador.

Não estamos com isso, promovendo a apologia da ignorância; não obstante, não nos interessaria, na condição de instrumento, um médium insensível às necessidades de seus semelhantes.

A Mensagem Espírita não deve se intelectualizar excessivamente, olvidando que a carência básica da criatura é de conforto espiritual e de encorajamento diante das lutas que faceia.

O melhor médium é o que atenda os Espíritos Superiores, tanto no que diz respeito ao intelecto quanto ao sentimento.

Chico Xavier era a síntese do médium ideal, porque o sabia ser pela inteligência e pelo coração!

Se os médiuns que se isolam com suas produções mediúnicas se dispusessem a freqüentar as casas espíritas e participar com os demais companheiros das diversas frentes de batalha pela vitória definitiva da Luz, as Trevas não se mostrariam tão ameaçadoras às tarefas incipientes da Doutrina.

O problema é que, sem perceber, diversos medianeiros vão "fazendo escola", influenciando outros com as suas atitudes elitistas, criando uma espécie de casta não comprometida com a Causa senão do ponto de vista teórico.

O Espiritismo, na revivescência do Cristianismo, está necessitando de médiuns

que não apenas empunhem a caneta ou elevem a voz das tribunas, mas também arregacem as mangas.

De que vale ser dócil e prestativo instrumento dos espíritos desencarnados, mantendo-se à distância dos encarnados? Que diríamos da fonte que se recusasse a correr pela gleba árida ou da luz que se desviasse do escuro das cavernas onde é chamada a se projetar?

Mediunidade não é flor de adorno para os que a possuem nem distintivo que se exhibe ao peito, sem mérito correspondente. E chamamento ao trabalho ativo e perseverante, sendo que o médium que não o atende escolhe permanecer na companhia dos espíritos que fazem ouvidos moucos aos apelos do Cristo.

Por esse motivo, convém que, de quando em quando, o médium indague de si mesmo o que anda fazendo com os talentos mediúnicos que lhe foram confiados pelo Alto, porque tempo chegará no qual igualmente deles será chamado a prestar contas ao severo tribunal da consciência.

DE SEU BERÇO DE PEDRA

"... somos como compositores de música que compomos ou queremos improvisar uma ária e temos à mão apenas um piano ou um violino ou uma flauta ou um fagote ou um assobio barato. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino, executaremos nosso trecho de um modo muito compreensível; ainda que os sons provenientes do piano, do fagote ou da clarineta sejam essencialmente diferentes, salvo os matizes do som. Mas, se não temos à nossa disposição senão um assobio barato ou um funil, aí é que está a nossa dificuldade." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 225)

Durante longo tempo, não se dispunha, na Terra, de qualquer conhecimento teórico mais profundo em torno da Mediunidade, o que não impedia que os espíritos se manifestassem de acordo com as suas possibilidades.

Poucos eram os medianeiros mais ou menos lúcidos quanto à essência do fenômeno de que se faziam protagonistas.

Em determinada época, o intercâmbio entre as Duas Esferas se tornou tão aviltante e sem proveito para as criaturas, que Moisés, o grande legislador hebreu, chegou a proibi-lo, e com justa razão, no livro chamado Deuteronômio, conforme se pode ler no capítulo 18, versículo 11.

Na Idade Média, que durou cerca de mil anos, não se tem a conta dos milhares e milhares de portadores dos mais diversos dons mediúnicos que foram trancafiados nos hospícios ou, sumariamente, condenados à morte nas masmorras e nas fogueiras, provocando o retraimento do Mundo Espiritual.

Antes da Codificação, os espíritos se sujeitavam à vã curiosidade dos que se divertiam à custa das chamadas "mesas girantes", ou "rotantes", nos salões aristocráticos de Paris, enquanto tomavam o chá da tarde e especulavam os supostos mortos sobre assuntos pueris.

Com Allan Kardec, porém, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados alcançou maturidade e, naturalmente, se elevou à condição de ciência. Todavia, ainda por alguns lustros, os espíritos se submeteram às formas mais arcaicas de comunicação mediúnica, entrando em contato com os homens por meio da tiptologia e da sematologia, a linguagem das pancadas e dos sinais, respectivamente.

No entanto, rapidamente, o sistema de diálogo entre os Dois Planos evoluiu, com o aparecimento dos médiuns psicógrafos e dos sensitivos sonambúlicos, que, caindo em transe mais ou menos profundo, cediam a mão ou o aparelho fonador aos habitantes do Invisível.

Todavia a mediunidade considerada mecânica, ou inconsciente, foi cedendo espaço à semiconsciência, até à consciência plena, com os espíritos, gradativamente, conclamando os médiuns em geral a dividirem com eles encargos na tarefa do intercâmbio que se metodizava.

O que, portanto, era de quase absoluta iniciativa dos Espíritos, passou ao relativo controle dos encarnados, instruídos que são pelo Espiritismo, no que tange aos parâmetros reguladores do contato proveitoso com os que mourejam fora do corpo de carne.

Não sabemos o que, no campo dinâmico da Mediunidade, nos reservará o futuro; não obstante é lógico se esperar que o médium, em termos de parceria, seja cada vez mais solicitado pelos espíritos, facilitando ainda mais o entendimento entre os que vivem separados apenas pela densidade peculiar à matéria de que cada dimensão se constitui.

Deixadas para trás questões de natureza religiosa e superados problemas de ordem ética ligados ao intercâmbio, não pairando qualquer dúvida quanto à reta intenção dos medianeiros em ação e o propósito superior dos espíritos que contatam os encarnados, a mediunidade, exercida livremente, há de possibilitar ao homem conexão psíquica com os espíritos situados nas mais recônditas regiões do Universo.

De seu primitivo berço de pedra, a Mediunidade, um dia, também alcançará a sublimidade, transcendendo a sua condição humana nas palhas humildes de uma manjedoura...

Para tanto, no laborioso percurso à frente, continuemos a nos esmerar, encarnados e desencarnados, na aproximação recíproca, somando esforços e dividindo responsabilidades, sem consentir que obscuros interesses, de parte a parte, venham a tisonar-nos os anseios de que, na Terra, a realidade da Vida Imperecível se proclame para todo o sempre!

MÉDIUNS QUE FRAUDAM

"Assim como deixamos hoje aos espíritos brincalhões e pouco adiantados o exercício das comunicações tangíveis de pancadas e de transportes, assim também os homens pouco sérios entre vocês preferem o espetáculo dos fenômenos que tocam os olhos ou os ouvidos aos fenômenos puramente psicológicos." (Cap. XIX - Papel do médium nas comunicações espíritas - item 225)

A Mediunidade, como acontece ao Espiritismo, se dirige à razão e não aos olhos.

Os médiuns não devem se preocupar em serem instrumentos de manifestações retumbantes para os descrentes.

Os espíritos sérios sabem que a fé é construção individual, fenômeno que ocorre de dentro para fora e não o contrário.

Ao longo da recente História do Espiritismo, que, como Doutrina codificada, surgiu com o lançamento de "O Livro dos Espíritos", em 1857, foram muitos os médiuns que, por amor a si e não à Causa que abraçaram, forjaram fenômenos em que foram pegos fraudando.

Extrapolando em suas atribuições, tomaram o lugar dos espíritos como agentes dos fenômenos mediúnicos legítimos e se ridicularizaram, expondo a Doutrina a desnecessário desgaste perante a opinião pública.

O povo não sabe que, infelizmente, também na seara espírita, o joio se encontra misturado ao bom grão.

Existem legiões de espíritos interessados em desacreditar o que o Espiritismo apregoa.

Que todo médium, portanto, saiba reconhecer o seu próprio lugar de servir, adequando os seus ímpetos à sua capacidade de servir como instrumento entre os Dois Mundos.

Se todo medianeiro, com a sua faculdade discreta, cumprir com o dever que

lhe compete em sua esfera de ação, ele estará fazendo tudo que a Espiritualidade espera que ele faça pela expansão da Doutrina.

Porém é notório que certos médiuns se prevalecem de seus dons para se promoverem pessoalmente, tirando partido desta ou daquela situação. Embora se rotulem de espíritas, engrossando as fileiras de seus adeptos, ainda não lograram assimilar o verdadeiro espírito da Terceira Revelação.

Certos espíritos adversários da Causa são tão sagazes, que chegam a concorrer no aparente êxito mediúnico de um médium para, depois, comprometê-lo moralmente, ocasionando repercussão negativa para ela, inclusive com publicações na imprensa sensacionalista. Neste sentido, os mais visados são sempre os que ocupam posição de destaque no Movimento e não os tarefeiros que labutam no anonimato.

É muito difícil que um médium, na trajetória que cumpre, não sucumba ao peso dos próprios interesses, por mais insignificantes sejam. Daí a necessidade de não se fazerem concessões ao que não é aconselhável e de não contemporizar com o que não seja doutrinariamente correto.

Preferível errar por excesso de precaução que por falta de vigilância - o prejuízo decorrente será evidentemente menor.

O maior fenômeno que a Doutrina pode produzir, motivado pela fé raciocinada, é o de nossa renovação íntima. Não há prodígio mediúnico algum que a este se compare!

Os fenômenos para os olhos e para os ouvidos são de fugaz duração, de vez que poucos os utilizam para efetuar as introspecções que antecedem a mudança interior. Dos dez leprosos curados por Jesus, apenas um deles, tocado no coração, voltou para agradecer a bênção recebida.

Quem demonstra verdadeiro entendimento da Doutrina, não permanece de braços cruzados, usufruindo-lhe as benesses. A partir de si mesmo, dispõe-se a trabalhar pela construção do Mundo Melhor. Para ele, todo fenômeno de natureza mediúnica passa a ter importância secundária, porque a excelência da Mensagem Espírita o satisfaz plenamente, assim como a fonte a jorrar basta ao viajor que, em suas águas cristalinas, sacia a sede que o atormentava.

MÉDIUNS APROVA

"Quando perguntas devem ser feitas por terceiros, é bom e útil que a série das perguntas seja comunicada, de antemão, ao médium, para que este se identifique com o espírito do evocador e dele se impregne, por assim dizer; porque mesmo nós temos então bem mais facilidade para responder, pela afinidade que existe entre nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete." (Cap. XIX-Papel do médium nas comunicações espíritas - item 225)

E comum que, mesmo os espíritos, com o propósito de lhes avaliar as faculdades, queiram colocar médiuns à prova.

Kardec, inspirado pelos Espíritos, foi extremamente corajoso ao escrever o texto que nos encima os comentários neste capítulo.

Os espíritos, sem dúvida, quando o querem, em louvor da autenticidade do

fenômeno, podem vencer os mais pesados obstáculos, inclusive aqueles que lhes são impostos pela própria insegurança do médium.

Todavia os espíritos sérios não perdem tempo, tentando convencer os que não desejam acreditar em sua existência, principalmente quando a descrença é motivada por interesses subalternos da vida no mundo.

Se o Criador, com os prodígios da Criação, ainda não conseguiu convencer a todos acerca de sua existência, não seriam os espíritos, simplesmente homens fora do corpo, que lograriam convencer as criaturas sobre a realidade de sua essência imortal.

Como escreveu o Codificador, se as pessoas negam ter um espírito em si, como haverão de aceitar que outros possam tê-lo?

Dentro desta linha de raciocínio, os adeptos do Espiritismo devem estudar meios de facilitar, ao máximo, o seu contato com o Mundo Espiritual, e não recursos de embaraço à comunicação mediúnica.

De maneira geral, os espíritos que se dispõem a interagir com os encarnados, através dos canais da mediunidade, são de

elevação espiritual semelhante e, não raro, permanecem sem ação, quando se defrontam com empecilhos além dos habituais.

Mas, infelizmente, o que se pretende é que tanto o médium quanto o espírito disposto a estabelecer contato sejam adivinhos ou, no mínimo, exímios telepatas a devassarem o subconsciente das pessoas, lendo o que elas procuram ocultar, inclusive de si mesmas, para que não fiquem expostas ao ludíbrio das mentes que tenham poder para decifrar seus pensamentos.

Na maioria das vezes, isto é que faz com que recuem médium e espírito, receosos de se submeterem ao superlativo grau de exigência dos que estão buscando edificar a casa de sua certeza na imortalidade sobre a areia das intenções desonestas e não sobre a rocha inamovível da transparência de sentimentos.

O médium precisa compreender que, no sistema de parceria mediúnica consciente que integra com os desencarnados, é ele o primeiro e necessário crivo ao qual o espírito comunicante e o encarnado que deseja

acessar o Mais Além por seu intermédio, carecem de se submeter.

O trabalho de ausculta da sinceridade das pessoas que anseiam por uma mensagem particular não deve ser relegado ao Mundo Espiritual, como se o medianeiro não tivesse nada a ver com a desonestidade dos que vêm bater às portas de suas possibilidades psíquicas.

Muitos agem impelidos por má fé e, previamente instruídos por mentes doentias, fornecem ao médium informações e dados que não correspondem à realidade de suas aspirações, porque, no fundo, se o seu intuito pessoal é o de desmoralizar a tarefa do medianeiro, o dos espíritos inimigos da Causa, se tivessem capacidade para fazê-lo, é o de comprometer a Doutrina como um todo.

Em mediunidade, o problema da mistificação é mais complexo que se imagina. Se espírito e médium podem mistificar, os encarnados que os procuram também podem, e com frequência o fazem.

Que os médiuns, pois, postos à prova pelos que deles duvidam, aprendam, por sua

vez, a duvidar dos interesses daqueles que intentam fazer da mediunidade motivo de chacota.

E, antes de se entregarem ao transe, perguntem, auscultem e comparem, não escondendo de ninguém a sua condição de médium consciente e responsável, para que as pessoas aprendam a respeitar o seu método de trabalho, deixando-as livres, para deles se servirem como instrumento na condição em que se revelam ou, então, procurarem, alhures, outro que melhor lhes convenha.

A IMPORTÂNCIA DO MÉDIUM

"Um médium é um instrumento pouquíssimo importante como indivíduo..." (Cap. XX - Influência moral do médium - item 5)

Os Espíritos Superiores não perdem oportunidade de vacinar-nos contra a vaidade e o personalismo, a que, de maneira geral, em nossa atual condição evolutiva, estamos expostos.

A faculdade mediúnica, para contato com o Mais Além, é indispensável, todavia, como instrumento, o médium não o é.

Seria interessante, pois, que todo médium tomasse consciência de que é ele

que necessita de trabalhar na mediunidade e não propriamente a mediunidade que depende de seu trabalho.

Médiuns enxameiam em toda parte, dentro e fora da Doutrina Espírita.

Os espíritos podem suscitar médiuns no seio de todas as raças e de todos os credos religiosos, qual, aliás, já o fizeram desde sempre.

O médium espírita deve perder a pose de iniciado que, por vezes, adota, e render graças aos Céus pelo privilégio de ser admitido a serviço da Causa do Evangelho Redivivo, na condição de último dentre os últimos de seus servidores.

Ele não é um ser especial, dotado de recursos que a outros foram negados, e as faculdades de que se faz portador não falam da real estatura de seu espírito.

O Mundo Espiritual inferior também conta com os seus intérpretes na Terra.

Jesus Cristo nos advertiu quanto aos que, encarnados ou desencarnados, se fazem passar por fiéis mensageiros do Alto: "Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces".

No capítulo XXI, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", escreveu Erasto com precisão: "... os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus."

Médiuns existem que, com discrição e perspicácia, vivem fazendo insinuações em torno da missão que, supostamente, foram designados a cumprir entre os homens - provocam elogios a si e, quando se apequenam, é somente com a intenção de que, de imediato, sejam exaltados pelos bajuladores que manipulam.

Com raras exceções, os médiuns, notadamente os que mais se projetam no cenário da Doutrina, são altamente comprometidos ante a Lei de Causa e Efeito, espíritos que, no passado remoto ou recente, faliram em suas atribuições no campo da fé.

Outros muitos, pertencentes a ambos os sexos, tombaram nas lutas da afetividade, que lhes deixaram profundas e quase visíveis marcas no espírito ainda a se debater nos conflitos psicológicos de variada ordem.

Que o médium espírita se permita apenas a alegria íntima que lhe advenha do cumprimento do dever, por meio do qual irá resgatando, de maneira parcelada, o montante dos débitos contraídos outrora.

E lute com todas as forças disponíveis para que, hoje em ação na mediunidade, não se lhe agrave no presente a situação de espírito devedor, prevalecendo-se do magnetismo de sua condição para continuar envolvendo emocionalmente pessoas incautas e sem discernimento.

E jamais confira a si qualquer importância ou se considere imprescindível na tarefa em que outro médium, com certeza, será chamado a substituí-lo com vantagem.

O bom médium está se tornando cada vez mais comum, mas o médium bom ainda é raridade.

A ALMA DA MEDIUNIDADE

11. Quais são as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos Superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

— Desejar o bem; expulsar o egoísmo e o orgulho: uma coisa e outra são necessárias. (Cap. XX - Influência moral do médium)

Desenvolver a mediunidade é cuidar da própria espiritualização.

O homem que se cultiva espiritualmente amplia a sua capacidade de percepção psíquica com naturalidade.

A faculdade mediúnica que se desenvolve apenas a poder de técnica é sempre limitada.

O homem virtuoso, muitas vezes sem que o saiba, é médium.

Alguns dos santos da Igreja Católica, como Francisco de Assis e Teresa d'Ávila, sem nenhum conhecimento teórico a respeito, foram grandes expoentes da mediunidade.

O amor é a capacidade mediúnica que transcende todas as demais, porque coloca o homem em direta comunhão com as Dimensões Superiores da Vida.

Os Espíritos da Codificação, ante a indagação que lhes fora feita por Kardec, não consideraram, na resposta fornecida, que as condições imprescindíveis para que a palavra dos Espíritos Superiores alcance as criaturas encarnadas sem qualquer alteração, sejam uma exímia faculdade mediúnica em exercício.

Boa visão nem sempre significa visão boa.

Falar bem não é a mesma coisa que falar no bem.

Até certo ponto, há que se distinguir do médium a mediunidade. Como instrumento, o médium pode ser irrepreensível, mas, em mediunidade, isto não basta.

A condução de um veículo depende sempre da habilidade, mas, também do senso

moral do motorista. O veículo pode estar em perfeita ordem e o motorista devidamente habilitado, mas se lhe faltar equilíbrio na direção, a perspectiva de desastre é iminente.

A mediunidade, como faculdade neutra, pode se prender ao organismo, mas a sua utilização é ditada pelo discernimento de quem a possui.

Não é somente tomando assento ao redor de uma mesa e concedendo passividade aos desencarnados, que alguém se torna médium.

Ser médium da Vontade de Deus, entre os homens, é a mais alta das mediunidades.

Os Espíritos Superiores se interessam mais pela alma do médium, que, em suma, é a alma da mediunidade.

De que vale um médium culto, detentor de inúmeras faculdades, mas que não consegue ser médium pelo coração?

Os Espíritos Superiores, porque falam a linguagem do amor e da sabedoria, nem sempre se deparam com intérpretes à altura. Por essa razão, a luz dos Planos Mais Altos não chega à Terra senão em rápidos lampejos.

Porque, no mundo, ninguém havia que lhe pudesse ser fiel intérprete da Palavra, Jesus deliberou vir, Ele mesmo, nos ensinar. Por outros lábios, o seu Verbo nunca teria ecoado aos ouvidos humanos como prossegue ecoando até hoje!

Existem espíritos para os quais, na Terra, ainda não há médiuns.

As Epístolas que Paulo escreveu foram inspiradas pelo Cristo a Estêvão, que, em seguida, as retransmitiu ao ex-doutor da lei, que as filtrou segundo a sua capacidade receptiva. Por isso, se alguns de seus parágrafos são verdadeiramente divinos, outros estão assinalados pela inevitável interferência da mão que os grafou.

A ideia de que o médium seja um instrumento completamente passivo, qual se a mediunidade não lhe fosse mais que um apêndice, necessita ser afastada de nosso entendimento a respeito do assunto.

Da alma da mediunidade, que é o médium, depende a alma dos comunicados de além-túmulo.

MISTIFICAÇÃO

"... o orgulho perdeu numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem isto, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis; enquanto que, tornados presas de espíritos mentirosos, suas qualidades primeiro perverteram-se, depois aniquilaram-se e mais do que um se viu humilhado por amargas decepções." (Cap. XX - Influência moral do médium - item 228)

O médium, quando não dotado de boas intenções e discernimento, pode ser enganado com facilidade.

Os espíritos mistificadores enxameiam no Mundo Espiritual e sempre permanecem na expectativa da falta de vigilância deste ou daquele mediano para ludibriá-lo.

Alguns mistificam por leviandade; outros, porém, de caso pensado, com o

intuito de causar prejuízo à tarefa que o médium desenvolve.

Equivocadamente, dá-se excessiva importância ao animismo e quase nenhuma à mistificação, quando semelhante problema é que constitui verdadeiro obstáculo ao exercício da mediunidade.

O médium mais facilmente mistificado é aquele cujas intenções na Doutrina não são as mais nobres e elevadas.

O desinteresse pessoal do médium é a sua salvaguarda contra os espíritos mistificadores.

O médium predisposto a enganar atrai a presença de espíritos enganadores.

Há, pois, que se tomar muita cautela, notadamente quando os espíritos comunicantes tomam o nome de personalidades de destaque.

Todavia não apenas os médiuns são passíveis de serem mistificados; não raro, aqueles que os julgam igualmente o podem ser...

Não há necessidade de que se seja médium, com faculdades ostensivas, para ser vítima de mistificação.

Aliás, os médiuns costumam ser mistificados com menor frequência do que aqueles que adotam posições extremistas em seus pontos de vista doutrinários.

Em geral, culpam-se os médiuns pela ação dos espíritos mistificadores, quando muitos existem em ação na condição de adeptos encarnados da Doutrina.

O sentimento de orgulho, que se manifesta como personalismo, inveja, ciúme, vaidade e ambição, se leva muitos médiuns a se perderem, leva um número maior de espíritos a se desviarem do bom caminho.

Os espíritos infelizes não desejam o progresso espiritual dos homens por esse motivo, estão sempre a lhes criar embaraços ao cultivo das virtudes.

A fascinação que, muitas vezes, consideramos estar com alguém, pode estar conosco.

Para que o homem não seja enganado pelos espíritos que se camuflam em sua própria condição, carece, diuturnamente, de vivenciar a Mensagem que prega, agindo com sinceridade na fé, de vez que os mistificadores

naturalmente se afastam daqueles que nunca atendem os seus anseios.

Paulo, em sua Segunda Carta aos Coríntios, capítulo 11, versículos 13 e 14, nos advertiu: "Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz."

Vejamos que Paulo se referia aos mistificadores encarnados e não apenas aos habitantes do Mundo Espiritual.

Repetimos: o problema da mistificação não se restringe aos médiuns e aos espíritos, mas igualmente se estende aos "obreiros fraudulentos", movidos por velados propósitos. É um erro, pois, quando se fala em mistificação, logo se pensa em médium e espírito, isentando os demais, como, por exemplo: dirigentes, oradores e articulistas encarnados do Movimento Espírita, sem nos referirmos aos caluniadores e perseguidores daqueles que, em silêncio, padecendo ignomínias, estão se esforçando no cumprimento do dever.

CONCORDÂNCIA UNIVERSAL

"Desde que uma opinião nova aparece, por pouco que lhes pareça duvidosa, passem-na pelo crivo da razão e da lógica..." (Cap. XX - Influência moral do médium - item 230)

O Codificador, sem dúvida, estava coberto de razão quando se referiu ao que denominou "Concordância Universal do Ensino dos Espíritos", como endosso desta ou daquela nova informação advinda pela mediunidade.

Não obstante, a unanimidade de opiniões em torno de uma questão revelada nem sempre acontece de imediato.

Às vezes, não resta, aos encarnados, alternativa que não seja submeter o que determinado espírito diz ao crivo da razão e da lógica, aguardando, através de outros medianeiros, o aval de outras entidades.

Ao tempo de Kardec, no segundo quartel do século XIX, porque não tinham fácil contato uns com os outros, os médiuns agiam com maior independência de pensamento.

Hoje, infelizmente, com a maior aproximação dos medianeiros, principalmente após o advento da *Internet*, o personalismo entrou em pauta, e é um ponto a ser considerado.

Vige, no meio espírita, salvo exceções, como que uma disputa infundada entre os médiuns em atividade. Sendo assim, tais companheiros relutam em referendar, mediunicamente, o que outro logrou captar de maneira inédita.

Lamentamos, profundamente, que assim seja, mas, analisando tão grave questão, não podemos nos omitir.

Interesses subalternos estão minando o campo promissor da mediunidade!

A disputa pela primazia dessa ou daquela informação singular chega às raias do absurdo, com médiuns não hesitando em mover campanhas difamatórias contra outros.

Em consequência, os espíritos não encontram receptividade para que determinada ideia em embrião se desenvolva de maneira conveniente, valendo-se de instrumentos mediúnicos, teoricamente, mais bem aparelhados para o tentame.

Quando, em 1944, surgiu "Nosso Lar", concebido mediunicamente por Chico Xavier, a obra, de início, causou grande impacto e as opiniões se dividiram. Alguns, mais afoitos, chegaram a dizer que o médium de Pedro Leopoldo estava sob intricado processo de fascinação. O certo é que demorou longo tempo para que outros medianeiros se sentissem encorajados a permitir que os espíritos escrevessem, por seu intermédio, obras semelhantes. Na atualidade, embora não com a mesma qualidade e brilho, elas são numerosas.

Outro aspecto a ser considerado é que a "concordância" não carece, neces-

sariamente, ocorrer dentro do âmbito da Doutrina. A Reencarnação, por exemplo, não foi revelada ao mundo pelo Espiritismo, que, como doutrina, é apenas mais uma voz a se levantar em defesa da tese da Pluralidade das Existências, que, diga-se de passagem, ainda não obteve o aval da Ciência.

Jesus, para nós, espíritas, é o Messias; mas, para judeus e muçulmanos, ele não passa de um profeta.

Para Emmanuel, como também para nós, o Cristo é o Governador Espiritual da Terra, cuja formação presidiu. Para certos adeptos da Doutrina, Emmanuel está equivocado.

Há quem considere a Codificação sempre atual; outros, porém, dizem-na ultrapassada...

A "concordância universal do ensino dos espíritos" deve, pois, ser considerada, a curto e médio prazo, na avaliação das notícias inéditas ou mais ou menos inéditas que, do Mundo Espiritual, chegam à Terra, de valor relativo e não absoluto.

Evidente que nem tudo é aconselhável aceitar sem prévia análise, mas também não é de bom alvitre que se negue o que está sendo dito pela primeira vez, sob o argumento de que não foi dito antes. Isso é mera insensatez.

25

INFLUÊNCIA DO MEIO

231. 1. O meio, no qual se acha o médium, exerce uma influência nas manifestações?

*— Todos os espíritos que cercam o médium o ajudam tanto no bem quanto no mal. (Cap. XXI-
Influência do meio)*

Os médiuns são sensíveis ao pensamento dos desencarnados e dos encarnados.

Toda faculdade mediúnica, pois, é de natureza anímica.

Contudo mais sensíveis que ao pensamento dos encarnados, os médiuns o são de suas emoções.

Consciente ou inconscientemente, o encarnado pode interferir na recepção de uma mensagem mediúnica. E, mais que interferir, pode influenciar no seu conteúdo.

O médium é uma espécie de aparelho de ausculta do meio em que se encontra. Daí os comunicados que recebe, sempre refletem temas da realidade que vivência.

Com o médium, acoplado, por assim dizer, ao seu psiquismo, o espírito comunicante, até certo ponto, igualmente se permite suggestionar pela situação existencial da qual, de maneira indireta, está participando.

A influência do meio, portanto, não é apenas de caráter vibracional.

É praticamente impossível que o médium se isole, de maneira absoluta, do contexto psicológico e emocional em que vive. Ele recebe as influências que terminam por refletir-se no comunicado de que se faz intérprete.

O espírito, nada mais sendo que o homem fora do corpo, também não consegue se furtar às interferências do meio em que respira.

Então têm-se: o médium com as influências dos encarnados, somadas às do espírito; o espírito com as influências dos desencarnados, somadas às do médium...

Dessa operação mediúnica e anímica resulta a comunicação.

O melhor instrumento mediúnico é o que se mantém mais bem informado sobre o que se passa no ambiente físico e extrafísico, em torno. O espírito mais apto a comunicar-se com proveito é o que se mantém atualizado quanto ao que se desdobra dos Dois Lados da Vida, concomitantemente.

O médium é o médium do espírito, e o espírito é o médium do médium. Um lhe fornece dados do Mundo Material; outro o coloca a par das coisas do Mundo Espiritual...

Médium e espírito, não podendo, assim, dela se livrar, carecem aprender a utilizar positivamente a influência do meio. Chico Xavier dizia que Emmanuel, o Mentor que lhe coordenava as atividades mediúnicas, escolhia o tema de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" para estudo nas reuniões

públicas, efetuando a média das necessidades das pessoas que a elas compareciam.

Se o médium fugir ao convívio social ele nunca será um bom termômetro para os espíritos. Mas, quando se trata da produção de um trabalho mais consistente, notadamente no campo da Literatura, o médium necessita de recolhimento.

Os livros de narrativa continuada, por exemplo, eram recebidos por Chico Xavier no aconchego do lar. No ambiente doméstico, as influências externas sobre o psiquismo do médium costumam ser menores, permitindo ao espírito trabalhar com maior independência. As mensagens avulsas, porém, eram por ele psicografadas na ausculta direta das carências ao redor. Os encarnados que compareciam às inesquecíveis reuniões carregavam consigo as influências do mundo lá fora, sendo, naquele instante, "medianeiros" da Humanidade, que representavam com as suas dores e anseios.

Sob essa óptica, a ideia de parceria, em mediunidade, se amplia consideravelmente.

Médium e espírito são antenas, voltadas um para o outro quanto para a Humanidade visível e a invisível, a se retratarem.

Dentro desta engrenagem psíquica, que a confiança mútua se põe a lubrificar, a menor dúvida é semelhante à intromissão de uma pedra que danifica e compromete o seu funcionamento.

POBRES IRMÃOS!

"217. Uma vez a faculdade desenvolvida no médium, é essencial que ele não a transforme em abuso. A satisfação que ela causa a alguns principiantes excita-lhes um entusiasmo que é importante moderar; devem pensar que a mediunidade lhes foi concedida para o bem e não para uma vã curiosidade; por isto é útil servir-se dela apenas nos momentos oportunos e não a cada instante..." (Cap. XVII - Formação dos médiuns)

A mediunidade de efeitos intelectuais é uma faculdade que se caracteriza pela maior influência do pensamento dos espíritos sobre o pensamento do médium.

Portanto, no transe mediúnico autêntico, há sempre mais do espírito comunicante no médium do que do médium no espírito comunicante.

Aliás, como intermediário, a função do médium é a de apassivar-se cada vez mais, deixando o desencarnado em estado de maior independência intelectual.

Isso, porém, não deve servir de pretexto para que o médium abdique da prudência e do controle que é chamado a exercer sobre os espíritos que se comunicam por suas faculdades.

Sobretudo, que não deixe de vigiar a si mesmo, extrapolando quando sob discreta ação dos desencarnados.

Explicamo-nos melhor. Infelizmente, existem médiuns que agem mais por si, segundo as suas conveniências pessoais, dando a falsa impressão de se encontrarem em transe profundo.

Efetuem supostas revelações em torno da vida passada das pessoas, que, de modo algum, correspondem à realidade...

Tentam manipular, afetiva e psicologicamente, os mais incautos, transmitindo-lhes recados espirituais elaborados por intenções dissimuladas...

Embora não objetivem lucro imediato, ambicionam um tipo de ganho que, somente com o tempo, se coloca à mostra...

Para alcançar os fins que colimam, usam, inescrupulosamente, o nome de veneráveis benfeitores da Vida Maior...

Disfarçam-se, sabendo aparentar humildade e, não raro, se apresentam dentro de uma condição que chega a inspirar confiança...

Neles, confundindo quantos se disponham a observá-los e dividindo opiniões, alternam-se estados de lucidez e perturbação...

Quando chamados a se manifestar sobre aqueles que não conseguem ludibriar, extravasam toda a sua contida indignação e se desmandam na crítica...

Os dirigentes dos centros ou os responsáveis pelas reuniões mediúnicas em geral hão de ter muita cautela com semelhantes companheiros, que, com os seus propósitos, ainda não se encontraram dentro da Doutrina, ignorando eles mesmos o que os move na seara espírita.

Espíritos sob inúmeros tormentos, advindo deles e dos espíritos que atraem, não conseguem alicerçar-se nas tarefas menores, perseverando na prática diuturna do bem, antes de se candidatarem a encargos de maior responsabilidade e envergadura espiritual.

Do pequeno espaço que, por vezes, lhes é concedido neste ou naquele grupo, tencionam, em nome de suas supostas faculdades mediúnicas, influenciar decisões e traçar diretrizes, colocando-se como foco das atenções.

Pobres irmãos, que ainda não descobriram que mediunidade é sinônimo de serviço desinteressado em benefício do próximo, com o médium sendo chamado a conjugar o verbo *renunciar* em todos os seus tempos e modos de conjugação!

Quando, por fim, caindo em si, descobrirem o quanto têm, repetidas vezes, malbaratado a oportunidade de redenção que o Mais Alto lhes concede, haverão de ouvir soar na acústica da alma as indeléveis palavras do Mestre: "Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no Reino

dos Céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus. — Muitos, nesse dia, me dirão: Senhor! Senhor! não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome? Eu então lhes direi em altas vozes: Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade."

INDISPENSÁVEL PERGUNTA

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revela de nenhum modo, é muito natural renunciar a ela, como se renuncia a cantar, quando não se tem voz. (Cap. XVII - Formação dos médiuns)

Não nos cansaremos de repetir que a mediunidade não revela a condição de maior ou menor elevação espiritual de quem quer que seja.

Ser médium não é privilégio.

Em muitos medianeiros, as faculdades mediúnicas jazem em estado latente à espera do momento de florescer.

Pode ser que determinado sensitivo, durante uma ou mais existências no corpo, esteja se preparando para o cumprimento de tarefa futura.

Aqueles, pois, que não são chamados agora ao exercício ostensivo da mediunidade não devem se considerar preteridos.

Contentem-se com as suas infinitas possibilidades de trabalho em favor da Doutrina e de si mesmos, atuando em outros campos de atividade não menos importantes.

Habitualmente, as pessoas, em geral, apenas enxergam o médium como alguém que aprecia um artista em cena, sob a luz dos holofotes e os aplausos da plateia... Não sabem dos dramas pessoais que se lhe desenrolam no camarim, muitas vezes, entre uma e outra rápida aparições no palco.

A mediunidade não isenta ninguém de suas lutas e provas. Os grandes medianeiros da Doutrina foram os que sempre mais sofreram, chamados a difíceis e intransferíveis testemunhos no cotidiano. Amargaram decepções, abandonos, injustiças, calúnias, difamações e, não raro, profundas decepções

consigo, ao poderem constatar as próprias fragilidades.

Os que desejam, a qualquer preço, ser médiuns, apenas com o intuito de satisfazer um capricho de natureza pessoal, evidentemente não sabem quanto isto haverá de lhes custar em renúncia e sacrifício. E a Vida, sempre sábia em todas as suas manifestações, em não lhes correspondendo, de imediato, a tais anseios, talvez esteja aguardando que, primeiro, se fortaleçam e adquiram maior capacidade de discernimento, antes de os chamarem a encargos mais espinhosos, em que tantos e tantos se complicam.

Será que, caso não desfrutássemos hoje no mundo da liberdade de crença e vivendo ainda sob o império da opressão religiosa, qual em passado recente, quando tantos e tantos pagaram com a vida pelo seu idealismo, seriam tão numerosos os candidatos à mediunidade?

Equivocam-se quantos imaginam que esta ou aquela faculdade mediúnica ostensiva lhes possa conferir qualquer

status ou prerrogativa de natureza social, por caminho mais curto à satisfação de suas ambições.

O Mundo Espiritual mais próximo do homem se repleta de medianeiros fracassados que não souberam ou não quiseram honrar os seus compromissos de servir a Jesus, nas bênçãos do Espiritismo, sem outro interesse que não seja de trabalhar pela expansão do Evangelho na Terra.

Assim, antes que insista no desenvolvimento de seus dons mediúnicos, como quem se lança a uma aventura, convém que o candidato a médium faça e responda a si mesmo a seguinte pergunta: "Em meu desejo de ser médium, qual a intenção que me move?" E outras, decorrentes desta primeira: — "O que pretendo? O que quero? O que busco?..."

Infelizmente, de uma maneira ou outra, poucos são os que, da mediunidade não tiram partido, porque o "dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido", das palavras do Cristo, não se refere apenas a algum tipo de comércio financeiro ilícito.

A questão não é que seja ou deixe de ser médium, mas, sim, que o sincero adepto da Doutrina seja coerente nos exemplos transmitidos. Aquele que se faz medianeiro do "espírito" da Causa que abraça é mais imprescindível para ela do que aquele que, simplesmente, se limita e intermediar espíritos, como se não passasse de uma caixa de ressonância, a qual pouco se importa com a qualidade do som emitido.

Ser tarefeiro é indispensável; ser médium é opcional!...

GRUPOS DOMINADOS

"Se o espírito percebe que o médium já não corresponde a seus fins e não aproveita as instruções e os avisos que lhe dá, ele se retira para procurar um protegido mais digno." (Cap. XVII - Formação dos médiuns - item 220, 3)

O Espírito Protetor esclarecido é o que sempre exorta o médium a estudar e combater, em seu tutelado, toda a tendência que reverta ao personalismo deprimente.

O médium que está sempre se indispondo com alguém, melindra-se por tudo e por nada, faz exigências descabidas para continuar trabalhando e querendo deter a palavra final nesta ou naquela questão, das duas, uma: não está bem assessorado

espiritualmente ou está ignorando as orientações que recebe.

O médium, por exercício de humildade, deve ser o primeiro a ouvir e o último a falar.

Existem espíritos, vinculados a este ou aquele grupo, que não têm compromisso mais sério com a proposta espírita.

Poucos são os desencarnados que, no corpo e fora dele, se alinham com o pensamento de Jesus, nas interpretações de Allan Kardec.

Espíritos vaidosos e personalistas, numa palavra, pseudo-sábios, jazem, na atualidade, infiltrados em inúmeras casas espíritas, que passaram a dominar.

Em sintonia com os médiuns e dirigentes, imprimem às atividades dos centros que influenciam um rumo incompatível com o que nos é traçado pelo Consolador.

Não praticam a mediunidade, mas, sim, o mediunismo, que fazem prevalecer sobre as reuniões de estudos doutrinários.

Sob estranhos pretextos, suprimem as tarefas assistenciais da casa, alegando, por exemplo, que a obra assistencial é onerosa e sem-retorno.

Não se integram a outros grupos, dos quais não se aproximam e não permitem aproximação.

A maioria de seus participantes vive de espírito armado contra os demais companheiros de ideal, a que observam com desconfiança e até por adversários.

Ouvem mais a palavra de seus supostos espíritos-guias do que os preceitos da Codificação.

Colocam toda a obra mediúnica sob suspeita, notadamente aquelas que intentam tirá-los do fascínio sob o qual se encontram.

Incoerentemente, imitando o que Jesus disse a respeito dos escribas e fariseus, "coam um mosquito e engolem um camelo"...

Não franqueiam a tribuna a quem possa falar, contestando-lhes as ideias enraizadas.

Julgam-se sob as graças de veneráveis entidades e acreditam-se, particularmente, protegidos por elas.

Em semelhantes grupos, os Benfeitores da Vida Maior encontram pouco, ou quase nenhum espaço para atuarem.

Trazem, na fachada, o nome de "espírita", que, na prática, não passa de mero rótulo, de vez que não têm a menor preocupação com a tolerância e a fraternidade.

Muitos desses centros permanecem, durante longo tempo, sob o domínio das falanges espirituais inferiores, que, inclusive estendem o seu raio de ação ao reduto familiar de muitos de seus frequentadores.

E nunca é sem alguma espécie de conturbação dolorosa que os seus integrantes logram sair do estado de hipnose em que se encontram, impedindo-os de, verdadeiramente, crescer em espírito.

A casa espírita onde a caridade legítima, a partir de seu corpo diretor, não impere, está sempre propícia a semelhante ação nefasta do Mundo Espiritual inferior.

ESPIRITOS QUE SE COMUNICAM

"Se podem proibir a algumas pessoas de se comunicar com os espíritos, não podem impedir as comunicações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, porque não podem suprimir os espíritos, nem impedir-lhes a influência oculta." (Cap. XXXIII - Da obsessão - item 254, 7)

A mediunidade é uma via de mão dupla: se os homens desejam o contato com os espíritos, estes, por sua vez, procuram contato com os homens.

A evocação, portanto, direta ou indireta acontece da Terra para o Mundo Espiritual, e vice-versa.

Não raro, são os espíritos que provocam a presença numa casa espírita da pessoa com a qual querem entrar em contato.

Ao proibir a comunicação com os mortos, no Deuteronômio, capítulo 18, versículo 11, Moisés, o profeta hebreu, não levou em consideração as comunicações espontâneas, de iniciativa dos espíritos.

Aliás, a Doutrina Espírita se caracteriza por ser de iniciativa dos Espíritos, ou seja: foram eles, os habitantes do Mais Além que vieram acordar os homens para as realidades da Vida Imperecível.

O fenômeno das mesas girantes que, por assim dizer, foi o berço do Espiritismo, era provocado pelos espíritos e não pelos médiuns, que dele participavam sem conhecimento de causa.

A participação consciente dos médiuns, no intercâmbio com os desencarnados, veio com a Doutrina Espírita.

Hoje, não apenas os encarnados procuram notícias de seus familiares domiciliados nas regiões além da morte; os desencar-

nados, igualmente, anseiam saber dos afetos queridos que permanecem no mundo...

Passada, pois, a fase de incredulidade em torno da mediunidade, que possibilita uma aproximação sem precedentes entre os Dois Planos, o intercâmbio simples entre encarnados e desencarnados será aceito naturalmente, porque o homem compreenderá que os espíritos, em maioria, vivem à sua volta, muitos deles ansiosos por reencarnar.

A mediunidade, no futuro, estará onde sempre esteve: no meio do povo, independentemente de crença religiosa!

Agora, é evidente que, para um intercâmbio mais proveitoso, os médiuns carecem de se educar e aprender a ciência da sintonia. Todo espírito encontra campo propício para interagir com os encarnados; poucos médiuns, porém, oferecem condições de receptividade aos espíritos mais esclarecidos.

Interessante que, à época em que Jesus esteve entre os homens, na Terra, apenas os espíritos inferiores se comunicavam - aqueles que viviam em estreita simbiose com os encarnados, sugando-lhes as energias.

O Novo Testamento não nos informa sobre a comunicação de um único Espírito Superior, pelos recursos deste ou daquele medianeiro. A exceção ocorre no Monte Tabor, com o próprio Cristo, transfigurado, servindo de médium para as materializações de Moisés e Elias. No entanto, bastou que Ele se retirasse do mundo para que, em seguida, tivéssemos o Pentecostes, quando, ao mesmo tempo, dezenas de médiuns caíram em transe, na maior sessão mediúnica pública de que se tem notícia na História.

Os que acusam os adeptos do Espiritismo de promoverem a comunicação dos espíritos a contragosto destes, estão, pois, enganados. Em geral, os desencarnados também se esforçam pelo contato, e tanto assim é que são eles, e não os encarnados, que promovem os encontros espirituais que acontecem durante o desdobramento natural do sono.

Quase sempre, é a presença dos familiares encarnados em determinado centro espírita que efetua uma evocação indireta daqueles espíritos com os quais

desejam entabular diálogo. Os espíritos, por si, por mais fossem chamados, não iriam responder à evocação de um médium que, para eles, na maioria das vezes, é pessoa desconhecida, sem nenhum laço afetivo mais forte que justifique o seu comparecimento a esta ou àquela reunião.

Por isso, o médium Chico Xavier se valia de uma expressão para definir, com palavras claras e objetivas, a essência do fenômeno de intercâmbio entre encarnados e desencarnados: - "O telefone só toca de Lá para Cá..."

O NOME DOS ESPÍRITOS

"... desde que o espírito diz apenas boas coisas, pouco importa o nome sob o qual as deu." (Cap. XXIV- Identidade dos espíritos, item 255)

Às vezes, os médiuns se revelam excessivamente preocupados com o nome dos espíritos que se comunicam por seu intermédio.

O valor de um comunicado de além-túmulo está no seu conteúdo, e não propriamente na identidade do espírito que o transmitiu nem do médium que o recebeu.

Médiuns de renome podem receber comunicados sob suspeita, tanto quanto médiuns anônimos podem receber mensagens de caráter moral e mesmo intelectual irrepreensível.

Ninguém, pois, deve se deixar impressionar pela autoria espiritual deste ou daquele comunicado.

O Mundo Espiritual se repleta de companheiros anônimos, de real elevação, que permanecem na expectativa de que um médium lhes ofereça oportunidade de trabalho através dos canais da mediunidade.

Muitos dos tarefeiros desencarnados mais conhecidos, que continuam se responsabilizando por este ou aquele comunicado mediúnico, já reencarnaram ou estão em vias de reencarnar.

Uma página, uma fala, um livro, uma voz, enfim, o mais leve e discreto sinal que os desencarnados transmitem à Terra deve ser analisado pelo seu conteúdo.

Em mediunidade, igualmente, a árvore se revela pelos frutos que produz e não pela extensão de seus galhos e pela formosura de sua folhagem.

Existem comunicados bem redigidos, ou verbalizados, completamente destituídos de luz espiritual.

É comum que, no início de seus exercícios, os médiuns principiantes se fixem nos nomes conhecidos... Não raro, para inspirar-lhes confiança, os seus próprios espíritos protetores deles se servem, até que, com maior experiência, estes mesmos medianeiros lhes ofereçam independência mental para, se for o caso, se identificarem.

Um espírito mistificador poderá se valer de um nome respeitável, com o intuito de que as suas ideias sejam mais facilmente aceitas, mas não logrará nelas apor o selo de qualidade, que é característica dos espíritos moralmente elevados.

Talvez, o maior problema dos médiuns seja o de sempre se considerarem médiuns para os outros e jamais para si; ou seja: o que recebem, em forma de esclarecimento e advertência, é dirigido a terceiros e não a eles mesmos.

Por outro lado, muitos dos destinatários dos recados que os espíritos transmitem os tomam como tendo sido enviados exclusivamente aos próprios médiuns que os captaram...

A fonte mediúnica de um comunicado do Mundo Espiritual é de importância relativa, porque, por mais cristalina, corre o risco de se conspurcar.

Somos de parecer que os médiuns principiantes não deveriam mesmo se fixar no nome do espírito, qual se da elevação do espírito que se manifesta, por seu intermédio, dependesse a sua credibilidade.

Nesse sentido, os médiuns que procuram fazer-se prevalecer pela suposta identidade dos desencarnados que se exprimem por suas faculdades já começam de maneira errada. E, dificilmente, os médiuns que começam de maneira equivocada, conseguem admitir o erro e se corrigir.

A mediunidade não confere grandeza a médium algum.

É o médium que, literal e figuradamente, carrega a mediunidade, e não é a mediunidade que carrega o médium.

O espírito comunicante, seja ele qual for, é uma entidade neutra, que não consegue tornar o médium mais médium do que é.

Em suma, a mediunidade é uma faculdade com dupla característica em seus resultados e conseqüências: está afeta tanto à capacidade intelectual quanto moral de seu possuidor!

ESPECIALIZAÇÃO MEDIÚNICA

"Concebe-se que deve ser muito raro que a faculdade de um médium seja rigorosamente circunscrita a um só gênero; o médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, porém há sempre uma predominante, e é esta que ele deve esforçar-se por cultivar se ele é útil." (Cap. XVI-Médiums especiais - item 198)

A base para todas as faculdades de efeitos intelectuais é a mesma: o pensamento do médium.

Portanto, do ponto de vista teórico, o médium falante pode, igualmente, ser escrevente, e vice-versa.

O que faz com que um médium escreva o pensamento dos espíritos ou o

traduza verbalmente é a maior flexibilidade dos órgãos envolvidos no fenômeno da escrita ou da fala.

Os médiuns mais aptos a escrever escrevem; os mais aptos a falar falam.

Em alguns médiuns, como esclarece o Codificador, diferentes faculdades podem coexistir. Assim, deparamo-nos com sensitivos que escrevem e falam o que os espíritos lhes transmitem ou que os escutam e enxergam.

Não obstante, é de bom alvitre que o médium procure cultivar a faculdade mediúnica para a qual revele maior aptidão.

Numerosas faculdades não traduzem a capacidade do médium como intermediário. Mais vale, por exemplo, um médium que seja apenas bom psicógrafo ou psicófono do que outro que queira ser psicógrafo e psicófono ao mesmo tempo.

Raramente, exímio pianista consegue ser exímio no manejo de outros instrumentos musicais.

Poucos são os que, de maneira concomitante, se destacam como cantores no palco e atores em cena.

Existem ótimos prosadores que quase nada conseguem como poetas.

A faculdade mediúnica, para ser proveitosa, também requer especialização.

Difícilmente, tem-se um médium de efeitos físicos com a mesma capacidade de produção nos fenômenos de ordem intelectual.

O médium carece de colocar limites à sua ambição. Se estiver no exercício da psicografia, não queira aventurar-se no campo da cura; se estiver no campo da cura, não se desmande no exercício da psicografia...

Os médiuns que não priorizam uma faculdade sobre as demais sempre acabam se perdendo, tornando-se improdutivos em todas elas.

Em Allan Kardec, por exemplo, todas as faculdades mediúnicas convergiam para a intuição.

Em Chico Xavier, considerado o maior fenômeno mediúnico da História, prevalecia a psicografia.

Todo médium renasce com a possibilidade mediúnica em que é chamado a fazer o melhor.

Muitos médiuns passistas conseguem, com o simples ato de estender as mãos, o que dezenas e dezenas de outros não conseguem em continuados e improfícuos exercícios psicográficos.

Um médium não deve querer ser outro médium, mas, se intenta copiar-lhe as faculdades, por que não se esforça para imitar-lhe os exemplos de vida ou não se oferece para dividir com ele as suas lutas?

O médium que revela descontentamento com a faculdade mediúnica que possui está com outros propósitos dentro da Doutrina, que não sejam o de servir desinteressadamente.

Para ser útil à Causa Espírita no mundo, ninguém carece de ser médium. Basta que se tenha boa vontade e se disponha a trabalhar no bem de todos, com esquecimento de si mesmo.

A condição de espírita é mais que a condição de médium, quando o referido mediano, dando destaque à mediunidade, coloca a sua condição de espírita em segundo lugar.

GENERALIZAÇÃO DA MEDIUNIDADE

9. Nos mundos mais adiantados do que os nossos, a visão dos espíritos é mais frequente?

— Mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente entra em relação com os espíritos; é a rudeza do corpo que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos. (Cap. VI - Manifestações visuais, item 100)

É natural que, com a espiritualização do homem, a mediunidade se generalize na Terra, não permanecendo circunscrita ao âmbito da Doutrina.

Aos poucos, todos haverão de, por uma maneira ou outra, se colocar em contato com os desencarnados, facilitando o intercâmbio com os habitantes do Mundo Espiritual.

Somos de parecer que é mesmo providencial que a mediunidade se descentralize.

O Espiritismo, conforme temos dito noutras oportunidades, não detém a patente da mediunidade. Ela não foi criada por ele. O mérito de Allan Kardec foi o de estudar os fenômenos e desmitificá-los, possibilitando um intercâmbio salutar com os Espíritos.

Kardec foi o desbravador do Mundo Espiritual! Com o seu senso de investigação, classificou os espíritos e ensinou-nos a identificá-los de acordo com a sua natureza. O Codificador, como quem aparta o joio do trigo, separou a mediunidade da obsessão.

Assim, temos o que podemos chamar de *mediunidade espírita*, mas a mediunidade, em si, não é espírita.

Os santos da Igreja Católica, muitos deles, eram médiuns, sem que o soubessem.

No mundo, enxameiam os médiuns sem rótulo religioso de qualquer espécie.

Kardec considerou que, se existem espíritos para toda espécie de médium, existem médiuns para toda espécie de espíritos.

Não é interessante que a mediunidade, como fonte de revelação da Verdade, permaneça, na Doutrina, circunscrita a poucos sensitivos. A generalização da mediunidade é importante no combate ao personalismo dos médiuns e dos espíritos que por eles se manifestam.

Quanto maior o número de opiniões em torno de um assunto, maior o ensejo de examiná-lo através de seus diferentes ângulos.

Creemos que, em futuro próximo, teremos, sobre a Terra, uma mediunidade dita católica, outra protestante, mais uma budista e, assim, sucessivamente.

O Mundo Espiritual mais próximo, aquele que circunda o orbe terrestre como se fosse um cinturão psíquico, não é espírita. A desencarnação não equaciona o problema existencial da criatura. Nas esferas subjacentes, as opiniões sobre a origem e a causa da Vida ainda se dividem e se conflitam.

O que torna um médium melhor instrumento não é a sua momentânea condi-

ção religiosa, mas a sua espiritualidade. Quanto mais espiritualizado o instrumento mediúnico, mais elevados os espíritos com os quais consegue estabelecer contato e, conseqüentemente, menos passível de erros.

Muitos espíritos têm do Mundo Espiritual e da Vida visão extremamente pessoal ou sob a influência de sua formação religiosa. Portanto, a verdade que os Espíritos revelam aos homens ainda é relativa ao seu grau de compreensão desta mesma verdade.

Como o homem encarnado pode, às vezes, de um dia para outro, modificar a sua opinião sobre determinado assunto, o espírito, nada mais sendo que a criatura humana fora do corpo, também pode. Apenas os insensatos persistem no erro.

A reencarnação é a oportunidade de o espírito reescrever a própria história!

Que os espíritas, pois, aprendam a considerar e respeitar a mediunidade fora dos arraiais da Doutrina, porque ser espírita e médium não quer dizer que as coisas, em sua essência, sejam conforme cremos ou consigamos enxergá-las.

A GLÂNDULA DA MEDIUNIDADE

20. Os que veem os espíritos, veem-nos pelos olhos? — Acreditam-no; mas na realidade é a alma que vê e, o que prova, é que podem ser vistos com os olhos fechados. (Cap. VI - Manifestações visuais-item 100)

Antes de ser propriamente orgânica, a mediunidade é perispiritual e, em última análise, mental.

A glândula pineal nada mais é, no corpo físico, que o órgão sensório da mediunidade - ela igualmente existe no corpo espiritual!

A percepção visual dos espíritos se dá pelos "olhos da alma". Aqueles que os

enxergam com os olhos do corpo veem a sua forma materializada fenômeno acessível a todos os que tenham oportunidade de contemplá-la.

O mesmo ocorre com a clariaudiência. Os que escutam os espíritos não os escutam com o aparelho auditivo material. Embora tenham a impressão de que é assim que os ouvem, por meio do pensamento é que eles conseguem lhes registrar as palavras, que, por sua vez, nada mais são que o eco de seus pensamentos.

A mediunidade, portanto, é de natureza psíquica - aliás, como todos os demais sentidos do homem.

Não é o olho que enxerga o que imagina ver, mas, sim, o cérebro.

Todas as percepções físicas, ou seja, com órgãos físicos correspondentes são meros "canais de transmissão"... É a mente, ou seja, o espírito, que tudo registra e decodifica.

Vejamos "O Livro dos Espíritos", a pergunta número 249-a e sua respectiva resposta: A faculdade de ouvir, como a

de ver, está em todo o seu ser? - Todas as percepções são atributos do espírito e fazem parte do seu ser; quando ele se reveste de um corpo material, elas não se manifestam senão pelos meios orgânicos; mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas.

A mediunidade, pois, somente é de natureza genética pelos seus ascendentes espirituais. Pais médiuns não terão, necessariamente, filhos médiuns, se os espíritos dos filhos não contarem com determinada maturação de ordem psíquica. Poderão até renascer com certa predisposição orgânica para tanto, mas nada além. Não é o corpo que é médium; é o espírito!...

Quando se tem um grupo familiar com vários médiuns, isto deve ser levado à conta das semelhanças morais existentes entre eles; são espíritos simpáticos, muitas vezes, comprometidos entre si e compromissados com o mesmo ideal de trabalho e realização...

No Mundo Espiritual, despojados do envoltório físico, os homens que foram médiuns na Terra continuam a sê-lo. A

condição mediúnica do ser é uma conquista evolutiva, que, se momentaneamente pode ser suspensa, jamais se perde. Por conquista evolutiva, queremos dizer *processo de maturação psíquica* e não avanço no campo intelecto-moral. Por exemplo: o sentido da visão é uma conquista evolutiva, que nada tem a ver com o moral ou com a inteligência.

O desempenho da glândula pineal, que muitos chamam de "glândula da mediunidade", está diretamente relacionado ao psiquismo da criatura.

Nos obsidiados quanto nos médiuns equilibrados, deparamo-nos com a pineal, ou epífise, em pleno funcionamento. Por isso, é que dizemos que a mediunidade é uma faculdade neutra. O que faz a diferença é o estado de lucidez do espírito.

Mediunidade, em si, não é aprimoramento orgânico. O corpo é causa e não efeito.

A mediunidade, repetimos, é percepção do espírito, que, quando aparece, se não se está apto para com ela lidar, pode, inclusive, desencadear processos patológicos.

Nesse ponto é que entra a influência esclarecedora do Espiritismo, orientando o médium que não sabe o que fazer com este sentido novo que nele desabrocha.

Uma das funções da Doutrina é a de ensinar o médium a ser médium!

O médium necessita se esmerar a ser médium pelo espírito e não pelo corpo.

Nascer médium não significa herdar condições hereditárias para tanto, mas se esforçar no sentido de desenvolvê-las, a partir de seu corpo espiritual, e de exercer, condignamente, as suas faculdades.

BOM SENSO

110. Estamos longe de olhar a teoria que expomos como absoluta e como sendo a última palavra; será, sem dúvida, completada ou retificada mais tarde por novos estudos, mas ainda incompleta ou imperfeita que esteja hoje, pode sempre ajudar a dar-mo-nos conta da possibilidade de Jatos por causas que nada têm de sobrenatural... (Cap. VI-Manifestações visuais)

As palavras do Codificador revelam o bom senso que deve nortear os médiuns em seu trabalho.

Sendo dinâmicas, as verdades doutrinárias que, muitas vezes, os espíritos revelam por intermédio da mediunidade não surgem como teorias acabadas, às quais os próprios espíritos nada mais teriam a acrescentar.

Kardec, como se depreende do texto de "O Livro dos Médiuns", não teve a pretensão da última palavra, reconhecendo que determinadas teorias são passíveis de serem completadas ou, se for o caso, retificadas.

Assim, que o médium sofra, em silêncio, as possíveis críticas que lhe forem dirigidas pelos que, de momento, não possam lhe reconhecer o mérito do esforço e boa vontade.

Sobretudo, que não lhe falte humildade para admitir e reconhecer as próprias limitações na tarefa, jamais se considerando superior em qualquer ponto.

Que não se sinta ferido em seu orgulho e vaidade, quando se veja questionado quanto à natureza e procedência de sua produção mediúnica.

E que não desconsidere as observações dos companheiros bem intencionados, em relação às suas atividades, mas que, igualmente, não se deixe abater por aquelas que, não raro, objetivam apenas desmotivá-lo no labor empreendido.

Toda ideia do espírito, procedente do Mais Além para a Terra, ou vice-versa, é semelhante à pedra de mármore que, para se transformar em obra de arte, necessita ser burilada à exaustão.

A rigor, não se tem sobre a Terra, e nem nos círculos espirituais mais próximos, a Verdade absoluta sobre esta ou aquela questão de transcendente conteúdo.

Não erraríamos, pois, ao dizer que o próprio Espiritismo é doutrina em construção.

Nenhum médium quanto nenhum espírito é infalível, mas igualmente nenhuma opinião que os aprecie.

Espíritos encarnados e desencarnados estão em constante evolução, com os seus pensamentos sendo gradativamente aclarados.

A própria Ciência, em inúmeras oportunidades, a partir de seus equívocos, tem retificado a si mesma, aproximando-se, passo a passo, da realidade mais ampla em torno da Vida.

A mediunidade é um sentido de percepção quanto qualquer outro. Nem

sempre, médiuns e espíritos que-se enganam podem ser rotulados de mistificadores.

A mistificação se caracteriza pelo ato consciente e premeditado de alguém, com o intuito de induzir outro ao erro, a fim de auferir para si qualquer espécie de vantagem.

O importante é que o médium, valendo-se da Doutrina como parâmetro e do bem aos semelhantes por motivação, continue se empenhando no cumprimento do dever, sem se considerar portador de faculdades diferenciadas.

Os que se intimidam diante da intolerância e da incompreensão não conseguem sair do lugar em que a mediocridade humana deseja vê-los, a ela se nivelando.

Por esse motivo, advogamos a sinceridade do médium em ação, já que os que se equivocam de maneira bem intencionada, na tentativa de algo realizar, estão à frente dos que, com receio das consequências do erro, cruzam os braços no comodismo, permanecendo na expectativa inútil de quem espera colher sem plantar.

MEDIUNIDADE E CURA

8. *Podemos obter curas só pela prece?*

"Sim, às vezes, Deus o permite; mas talvez que o bem do doente seja o de sofrer ainda, e então vocês pensam que a prece não foi ouvida." (Cap. XIV- Os médiuns)

Exercer a faculdade mediúnica de cura equivale a exercer a capacidade de amar.

Nenhum médium cura apenas pelo seu poder magnético, acrescido pela ação dos espíritos.

Médiuns e espíritos só conseguem curar aqueles cujo processo cármico se haja extinguido ou que se vejam alvo de prerrogativas que nos escapam à análise imediata.

Nenhuma faculdade mediúnica, a fim de produzir os frutos esperados, depende

menos do médium e mais do que por ele é assistido, quanto à da cura.

O médium de cura é instrumento por excelência da Vontade Divina.

A própria Medicina não cura aleatoriamente. Os médicos não curam pelo que sabem e nem os medicamentos pelo que podem.

A faculdade mediúnica de cura, pela simples imposição das mãos, é, antes de tudo, uma prece evocativa.

Jamais é o médium que cura, nem o espírito que intervém por seu intermédio. Somando esforços, eles não passam de agentes dos Desígnios Superiores!

Todo trabalho de cura na casa espírita é uma expectativa de concessão da Divina Misericórdia a quem se pretende auxiliar.

Não há, pois, na tarefa mediúnica de cura, necessidade de que se recorra a outros expedientes que não sejam, basicamente, o da prece fervorosa e da imposição das mãos.

Nem mesmo a título de impressionar, há necessidade imperiosa de aparatos que sugestionem ou predisponham este ou àquele a receber o que merece ou que lhe está sendo dispensado por acréscimo do Alto.

Quando a cura deve ocorrer em benefício de alguém, em toda parte se encontram instrumentos disponíveis para tanto e não apenas entre aqueles que sejam declaradamente médiuns.

Sobre a Terra, a dor ainda é indispensável por regime de contenção espiritual aos espíritos que, caso sempre dispusessem de boa saúde física, se renderiam completamente às mazelas de ordem moral.

Inferimos daí o sucesso relativo da mediunidade de cura na grande maioria dos casos sobre os quais é chamado a atuar.

Muitos dos que, fisicamente, se curam, não se valem da oportunidade para promover indispensável mudança em sua vida. Imitando os dez leprosos curados por Jesus, comumente apenas um ou outro reconhece a nova oportunidade que lhe está sendo concedida pela Lei, com a finalidade de retificar os próprios passos na senda que palmilha. Por esse motivo, depois de uma trégua, a doença volta a agir sobre aqueles que se supunham definitivamente curados e dispensados de se cuidarem espiritualmente.

Quando, então, outros interesses entram em jogo, mormente da parte do medianeiro, que desenvolve certa aptidão no campo da cura, a ação do Mundo Espiritual se compromete e inviabiliza, porque as Leis Divinas jamais irão referendar a desonestidade e o charlatanismo. E se tal sensitivo, por vezes, logra ser o intermediário da cura para este ou aquele enfermo, não é, absolutamente, por conta dos méritos que não possui, mas, sim, pela condescendência dessas mesmas Leis para com o necessitado.

Para socorrer a quem realmente precisa, a Sabedoria de Deus é capaz de, momentaneamente, transformar as mãos de um delinquente em mãos de um homem virtuoso!

Portanto, que a faculdade de cura, mais que as outras faculdades de natureza mediúnica, seja exercida pelo seu portador com extrema humildade e absoluto esquecimento de si mesmo, convicto de que todo médium, dentro da relatividade de sua condição, é passível de ser substituído por outro a qualquer momento.

MENSAGENS MEDIÚNICAS PARTICULARES

203. "(...) não é senão à medida que a capacidade se desenvolve que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro espírito que se apresenta." (Cap. XVII - Formação dos médiuns)

As mensagens mediúnicas particulares, recebidas principalmente por meio da psicografia, constituem, por assim dizer, um capítulo à parte no estudo da mediunidade.

Não é fácil ao médium dedicar-se à recepção das referidas páginas, mormente quando atuando em público.

Dentre os vários fatores a serem considerados, alinharemos alguns pertinentes

ao médium, ao espírito comunicante e aos seus destinatários encarnados:

- somente à custa de exaustivos exercícios, num período de tempo, mais ou menos longo, é que o médium, em geral, se mostrará apto à recepção de mensagens de caráter particular;

- ao médium que se entrega, com regularidade, à semelhante tarefa, torna-se indispensável maior grau de confiança em si e nos espíritos que o assessoram;

- a dúvida do médium quanto à procedência de um comunicado de natureza particular, deve, quanto possível, ser posta de lado, mais, evidentemente, que nos comunicados de caráter geral que recebe;

- não obstante, se o médium carece de combater a própria insegurança, no momento do intercâmbio com os habitantes comuns do Mundo Espiritual, não lhe convém, sob qualquer hipótese, prescindir do discernimento na avaliação prévia do teor e da conveniência de tais comunicados;

- chamado a vivenciar semelhante experiência, o medianeiro não deve olvidar a

sua condição de parceiro dos espíritos, facilitando, por seu intermédio, a comunicação do desencarnado que, na maioria das vezes, age sem o menor conhecimento e domínio do fenômeno;

- mais do que em qualquer outro setor da mediunidade, posta, em nome do Cristo, a serviço do consolo e do esclarecimento aos que sofrem com a suposta ausência de seus entes queridos, arrebatados que foram pela desencarnação, o mediano chamado a atuar neste campo de atividade doutrinária necessita estar imbuído do maior desinteresse de natureza pessoal;

- que o médium que se faz intérprete das mensagens mediúnicas particulares não cogite, por recompensa de seu esforço e de sua dedicação, mais do que a alegria de ser útil no cumprimento do dever;

- que saiba lidar com a desconfiança dos destinatários encarnados, que, não raro, desejam obter por seu intermédio mais do que simples mensagem de consolo, em descabido nível de exigência;

- conscientize-se de que, em muitas ocasiões, o comunicado que receba, tanto deixará a desejar, no que tange às informações comprobatórias de autenticidade, quanto na clareza e objetividade de sua redação;

- antes de ler ou encaminhar a quem de direito as respectivas páginas de sua lavra mediúnica, se não se sentir suficientemente seguro, o médium deve abster-se de fazê-lo, submetendo-as a rigorosa análise, inclusive, se for o caso, recorrendo aos préstimos de companheiro mais experiente;

- todo médium espírita precisa se considerar zelador da fé que professa e não agente da incredulidade;

- até mesmo o natural anseio do médium em auxiliar a quem necessita de seus préstimos carece de ser submetido ao crivo da razão, sob pena de não se prestar a esse mesmo alguém o melhor auxílio possível;

- como existem espíritos que também atuam como médiuns, o intérprete encarnado das mensagens particulares, advindas do Mais Além para a Terra, pode captá-las de seu

Espírito Protetor e não propriamente do autor desencarnado que esteja impossibilitado de fazê-lo por si...

Em termos de mediunidade prática, um dos desafios mais difíceis de serem superados, quando se sinta tentado a tanto, é justamente o médium não extrapolar em suas atribuições.

MÉDIUNS QUE FALAM DE SI

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem com as comunicações que recebem; julgam não ter mais nada que aprender no Espiritismo e não tomam para si as lições que frequentemente recebem da parte dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem; querem tê-las todas. (Cap. XVI - Médiuns especiais)

Nada há de mais ridículo do que o médium que, falando excessivamente de si, se coloca no foco das atenções e está sempre provocando o próprio elogio.

O médium sério, comprometido com a Causa, é modesto e, em tudo o que faz, procura se apagar, transferindo todo mérito do trabalho à ação dos Bons Espíritos.

O médium cômico de suas limitações jamais exalta a própria figura, não permitindo transformar-se em objeto de idolatria.

Existem muitos médiuns que, infelizmente, se valem de suas faculdades para se promoverem pessoalmente; quando, porventura, chamados a falar sobre a Doutrina, acabam falando de si mesmos...

Extremamente narcisistas, perdem o discernimento e se tornam joguetes dos espíritos que lhes exploram a vaidade e o personalismo.

Todo médium deve saber que a mediunidade, em si, não o torna uma pessoa diferente do que é.

Infelizmente, muitos médiuns se dão uma importância que não têm e, com suas atitudes, veladas ou ostensivas, reivindicam privilégios. São companheiros que se melindram com facilidade, quando as suas exigências não são atendidas.

É muito comum o médium atribuir a este ou àquele espírito as palavras que apenas expressam os seus pensamentos, assim agindo para lhes conferir maior

autoridade e justificar as exigências, por vezes, absurdas que fazem aos outros.

O médium, que quer ser mais médium que é, termina não sendo nem mesmo o médium que poderia ser.

Infelizmente, muitos medianeiros têm se perdido pela vaidade exacerbada, transformando a Doutrina num balcão de interesses subalternos.

De muitas maneiras, o médium pode não dar de graça o que, de graça, recebe... A mais comum não é a que envolve transações de caráter financeiro, mas, sim, permuta de favores.

Que o médium tome redobrado cuidado, ao se sentir compelido a narrar experiências que lhe dizem respeito no trato com os espíritos, no que é sempre preferível omitir trechos que o coloquem em destaque.

Mediunidade exercida sem discrição é um libelo contra si mesma.

Lucas, em Atos dos Apóstolos, capítulo 14, versículos 11 a 15, descreve a experiência de Paulo e Barnabé, quando

ambos se encontravam anunciando a Boa Nova na cidade de Listra. Saudados como deuses, os apóstolos, "rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos..."

O médium que não se despir da túnica de seda da vaidade para envergar a burel da simplicidade, não conseguirá levar a bom termo a sua empreitada.

Chico Xavier, o maior exemplo contemporâneo da mediunidade posta a serviço do Evangelho, entre os homens, não cansava de se comparar a um cisco... "Quem sou eu - outras vezes, dizia -, senão uma formiguinha, e das menores, que anda pela Terra cumprindo a sua obrigação!".

Todo médium que, por sua própria palavra, busca se colocar em evidência camufla a verdadeira intenção que o move, e convém que se o coloque sob observação mais cautelosa.

O que deve efetuar a propaganda do medianeiro, dizendo de seu valor, é o

trabalho que os Bons Espíritos consigam, em silêncio, realizar por seu intermédio.

Porque, também e principalmente, na mediunidade, "todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado".

MEDIUNIDADE QUANDO NÃO CONVÉM

4. Haverá pessoas para as quais este exercício (da mediunidade) tenha mais inconvenientes do que para outras?

— Eu disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas às quais é necessário evitar toda causa de excitação, e o exercício da mediunidade está neste número. (Cap. XVIII - Inconvenientes e perigos da mediunidade)

Não é de bom alvitre que se oriente ao desenvolvimento mediúnico, em tarefa mais ou menos ostensiva, a quem seja portador deste ou daquele transtorno de natureza psiquiátrica, atestado clinicamente por médico idôneo e competente.

Os que padecem qualquer distúrbio de ordem psicológica necessitam primeiro reaver a própria sanidade, a fim de que, mais tarde, se lancem com proveito à tarefa mediúnica.

Aconselhar, de maneira indiscriminada, a todo aquele que esteja em estado de desequilíbrio, principalmente com repercussões orgânicas, o cultivo da mediunidade é, não raro, concorrer no agravamento de seu quadro patológico.

Cultivar-se mediunicamente é algo desejável e acessível a toda criatura, mas nem sempre deve significar, para todos, exercício de intercâmbio com os desencarnados.

A prática simples do bem aos semelhantes é excelente exercício de natureza espiritual, ensejando, com segurança, o desenvolvimento psíquico da criatura, esteja ela como estiver.

Nem todos os casos de mediunidade atormentada, de imediato, são para uma mesa de centro espírita...

Torna-se, pois, necessário que se aja com bom senso e ponderação, encaminhando

os futuros candidatos a médium a atividades consentâneas com o seu atual estado emotivo.

Em certas situações, conforme dissemos, o exercício literal da mediunidade pode ser fator de maior desequilíbrio a quem se encontra momentaneamente incapacitado de discernir. Não se trata de medida discriminatória, mas de indispensável proteção ao médium às voltas com questões ligadas ao carma.

O obsedado, sem dúvida, é médium em potencial, todavia, antes de alcançar significativa melhora em sua situação, estará sujeito a psicoses e delírios nas incursões mediúnicas a que seja incentivado.

Assim, o orientador de tarefas mediúnicas em determinado grupo necessita acautelar-se, ponderando sobre a conveniência ou não deste ou daquele médium em tratamento psiquiátrico ou psicológico integrar a equipe que lida com a mediunidade de maneira permanente.

O médium em convalescença pode ser útil, sem que conceda declarada passividade aos desencarnados, exposto à ação mais

direta dos espíritos que o vitimam ou dele possam se aproveitar.

Esses medianeiros enfermos podem, por exemplo, na casa espírita, sem comprometimento de seu estado de saúde mental, cooperar na distribuição de água fluidificada, cuidar da porta da sala de passes, repartir panfletos doutrinários com aqueles que a frequentam, proferir, quando oportuno, uma pequena prece no início ou no término das atividades, integrar atividades assistenciais, cooperar na limpeza...

Ao lado do remédio e do passe espírita, o trabalho é indicação terapêutica das mais valiosas a quem esteja lutando para reaver o equilíbrio em si mesmo.

Escrevendo em "O Livro dos Médiuns", os Espíritos ainda disseram a Kardec: "A mediunidade não produzirá a loucura, quando não existe o princípio; mas se o princípio existe, o que é fácil reconhecer pelo estado moral, o bom senso diz que é preciso usar de prudência sob todos os aspectos, porque toda causa de abalo pode ser nociva".

Encaminhar alguém, sem estrutura psicológica, à mediunidade, imaginando que a mediunidade possa ser fator de equilíbrio emocional ou de cura definitiva, em todos os casos de perturbação psíquica, é demonstrar desconhecimento da Doutrina e assumir grande responsabilidade, mesmo quando a intenção possa ser a melhor.

MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA ENA ADOLESCÊNCIA

6. Há inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?

— Certamente e afirmo que é muito perigoso; porque estes organismos fracos e delicados seriam muito abalados e sua jovem imaginação muito sobreexcitada; também os pais prudentes as afastarão destas ideias ou pelo menos somente lhes falarão delas sob o ponto de vista das consequências morais. (Cap. XVIII - Inconvenientes e perigos da mediunidade)

A mediunidade é uma percepção que, gradativamente, vem despontando na criatura humana, para se lhe fixar como patrimônio sensório em definitivo.

Pode-se dizer que tal percepção vem se desenvolvendo desde quando o princípio inteligente se individualizava.

O que, pois, entre os seres encarnados no Orbe, tem sido alcançado por alguns, em seu natural processo de maturação psíquica, nos Mundos Superiores existe de forma generalizada.

Assim, sendo inerente ao espírito, a mediunidade não tem idade.

No entanto, nas crianças, cuja organização física ainda se revela débil, não deve ser incentivada em seu exercício.

Consideremos, por outro lado, que existem casos diferenciados, com os quais é necessário que se saiba lidar.

Chico Xavier, por exemplo, exercia a mediunidade com tanta espontaneidade na infância, que ela, de maneira alguma, lhe afetou o equilíbrio.

Ele dizia que, desde o berço, percebia as coisas atinentes ao mundo dos espíritos, sem que isto lhe ocasionasse qualquer conflito.

Chico, conforme já se disse, foi o protótipo do homem do porvir, que viveu, na Terra, o futuro da raça!

Somos, porém, de parecer que, no geral, as crianças que revelam certas manifestações mediúnicas necessitam ser orientadas, na perspectiva de compromissos a serem assumidos mais tarde.

É de bom alvitre que a criança ou o adolescente que demonstre sinais desta ou daquela faculdade mediúnica seja encaminhado ao centro espírita, para que comece a se inteirar da Doutrina, frequentando aulas de evangelização infantil ou grupos de estudo condizentes com a sua faixa etária.

Sobretudo, que os pais ou responsáveis pela criança médium não se imaginem na convivência de um espírito missionário, de vez que, com raras exceções, os media-neiros são espíritos em prova.

A falta de habilidade dos familiares e dos orientadores que são procurados, para lidar com a sensibilidade mediúnica precoce, tem influenciado negativamente a formação

de muitos futuros médiuns, dotados de faculdades promissoras.

Conforme os Espíritos disseram a Kardec, a criança e o jovem com manifestações de mediunidade precisam ser esclarecidos quanto à responsabilidade moral na utilização de seus dons, porque o despontar da mediunidade não significa, por si, que o mediano seja um espírito maduro, dispensando orientação.

Muitos casos de sensibilidade mediúnica conduzida sem discernimento acabam se tornando casos de vampirismo, em dolorosos processos de obsessão.

Enfim, sendo inerente ao espírito, cuja idade não se pode precisar, a mediunidade pode surgir em qualquer etapa da vida. Se em alguns não passa de manifestações transitórias, que logo desaparecem, noutros ela vem para ficar.

O cultivo da mediunidade, em suma, é o cultivo da própria espiritualidade.

Não se pode, portanto, simplesmente impedir que a mediunidade seja exercida pela criança ou pelo adolescente, sob pena

de compactuar com a sua possível adesão ao imediatismo da existência humana, da qual ninguém logra se libertar com facilidade.

Encerremos, meditando no que os Espíritos Superiores consignaram em "O Livro dos Médiuns", noutro trecho da questão em análise: "... quando a faculdade é espontânea numa criança, é porque está em sua natureza e porque sua constituição a isto se presta..."

ORIGINALIDADE

318. Todos os fenômenos espíritas não são igualmente fáceis de imitar e deles há que desafiam evidentemente toda habilidade de prestidigitação... (Cap. XXVIII - Charlatanismo e Prestidigitação - Médiuns interesseiros - Fraudes espíritas)

Em cada medianeiro, a mediunidade se apresenta com características próprias.

A mesma faculdade mediúnica nunca é absolutamente igual em dois médiuns diferentes.

O estilo pessoal do médium, com o somatório de suas experiências de vida, se reflete no exercício de sua faculdade mediúnica.

Assim, que este ou aquele médium em formação procure preservar a sua identidade, não se tornando cópia de nenhum outro.

Em mediunidade, apenas o pensamento pertence ao espírito comunicante - a sua maneira de expressão é marca registrada do médium.

O médium que se preocupa em imitar o estilo alheio perde a espontaneidade e ocasiona o desvirtuamento de suas faculdades.

O que se deve imitar de alguém são os seus bons exemplos e não a sua maneira de falar, gesticular e, até mesmo, o seu vocabulário.

Não raro, a fixação demasiada no modo de ser de um médium que se admira, ao ponto de se perder a originalidade, é fascinação.

Existem médiuns tão fascinados pela personalidade de outro, que tentam, inclusive, se apropriar dos espíritos que, por ele, habitualmente se comunicam.

Devemos considerar, por outro lado, que, igualmente, existem espíritos, sem autenticidade, ou seja: estimam copiar o pensamento e o estilo de terceiros...

Espíritos sem escrúpulos tomam a identidade de outros sem o menor constrangimento. São os fraudadores do Além!

Concebemos que, no início de sua trajetória, o médium tome por ponto de referência um sensitivo de maior experiência, assim como um cantor, muitas vezes, começa sendo *cover* de um intérprete de renome. O que não concebemos, por ilógico, é que, a vida inteira, determinado artista deixe de ser ele mesmo, com as peculiaridades de seu talento.

Normalmente, o estilo do médium se impõe ao estilo dos espíritos e, por este motivo, se tem a impressão de que é sempre o mesmo espírito a se comunicar.

Apenas com o tempo, o médium adquire maior flexibilidade, ensejando aos espíritos que se manifestam por ele maior independência no que tange à identidade.

Por ocasião do transe mediúnico, em muitos médiuns, a passividade não se completa, ao ponto de se distinguir o espírito comunicante do espírito do médium.

Em suma: é importante que o médium espírita, em suas múltiplas atribuições, procure ser ele mesmo!

O médium não tem que escrever como outro escreve, falar como outro fala, nem adotar para si os trejeitos de outro...

O médium *cover* de outro médium desacredita a própria tarefa.

Cada espírito, no corpo ou fora dele, com a experiência de que necessita vivenciar, pessoal e intransferível.

A falta de originalidade nos médiuns costuma ser uma tática de que os adversários da Doutrina se utilizam para confundirem opiniões e lançar a mediunidade no descrédito.

O médium, quanto os espíritos que com ele se afinam, deve primar pela criatividade - ele tem o direito de requisitar dos espíritos que se manifestam por seu intermédio que, mormente no campo da Literatura, sejam criativos.

"COLUNAS DE ESPÍRITOS"

1. O mesmo espírito, ao se comunicar em dois centros diferentes, pode transmitir-lhes sobre o mesmo assunto respostas contraditórias?

"Se os dois centros diferem entre si nas opiniões e nos pensamentos, a resposta poderá chegar-lhes alterada, porque estão sob a influência de diferentes colunas de espíritos: neste caso, não é a resposta que é contraditória: é a maneira pela qual ela é dada." (Cap. XXVII- Contradições e mistificações)

Em mediunidade, a lei das similitudes - "semelhante atrai semelhante" - funciona com espantosa precisão.

A intenção dos frequentadores de uma casa espírita define a natureza dos espíritos que a frequentam.

Figuremos o pensamento de um espírito superior como um raio de luz que, do

Mais Alto, se projeta, à feição dos raios solares que incidem sobre a Terra. Assim como os raios do Sol não alcançam o Orbe, sem que sejam devidamente nitrados, atravessando diversas camadas atmosféricas, o pensamento de um espírito superior, antes de chegar à mente do médium que o capta, se submete a múltiplas influências no trajeto...

O bom instrumento mediúnico é também aquele que consegue se furtar às influências negativas do meio em que opera, estabelecendo direta conexão com o espírito comunicante.

O que os Espíritos da Codificação disseram a Kardec, no texto que nos encima os comentários, é de suma gravidade.

Nos centros espíritas, em geral, existem "colunas de espíritos", efetuando uma triagem consciente ou inconsciente, no relacionamento entre encarnados e desencarnados. Daí a dificuldade da orientação espiritual, muitas vezes, se transmitir de maneira translúcida ao grupo.

Para melhor entendimento, recorramos a outra comparação: a água da fonte

jorra cristalina da terra, mas, no trajeto, não consegue manter-se com a mesma pureza... Ninguém bebe a água do rio sem que, primeiro, seja convenientemente tratada.

Em contato com a poeira ou mesmo com os poluentes atmosféricos, a água da chuva se macula.

Se o mediano não consegue sintonia direta com o Mentor que deseja falar ao grupo, veiculando informação esclarecedora ou advertindo-o, o pensamento do espírito poderá chegar aos seus integrantes como um pálido reflexo de luz. É que, antes de sensibilizar a mente mediúnica, sofre distorções de vulto, como a imagem de algo sob a superfície de um espelho embaciado.

Determinados grupos de espíritos costumam dominar os centros espíritas dos quais se apossam - quanto ocorre com os dirigentes e médiuns personalistas encarnados, revelam-se contrários a toda e qualquer ideia que não lhes expresse os anseios.

Por esse motivo, muitos centros espíritas possuem orientação própria, fugindo

ao que preconiza a Doutrina para a sua proveitosa organização e funcionamento.

Quando alguns integrantes dos referidos grupos humanos desencarnam, permanecem, no Além, enredados pelas entidades com as quais indiretamente comungaram em seus propósitos.

O Mundo Espiritual está repleto de espíritos que aplicam a Doutrina à sua maneira e não exatamente à maneira como deve ser vivenciada por todos os adeptos que lhe são fiéis aos postulados.

Infelizmente, os interesses pessoais de muitos espíritas deturpam o verdadeiro sentido do Espiritismo nas casas que são por eles edificadas para culto da vaidade e do personalismo.

A aparente contradição na palavra do mesmo Espírito Benfeitor, que se manifesta aqui e alhures, por este e aquele médium, é problema de filtragem mais ampla, que não envolve apenas e tão-somente o instrumento mediúnico.

O médium necessita atuar com absoluta independência dos interesses que

gravitam ao seu redor, porque a mediunidade que se curva à politicagem do mundo e às ambições de grupo está muito longe de ser o instrumento ideal e confiável no intercâmbio entre uma dimensão e outra.

LIMITES A VERDADE

"Não se deve tomar por contradição o que frequentemente é apenas uma parte da elaboração da verdade." (Cap. XVII- Contradições e mistificações - item 301, parágrafo 3)

A verdade de cada espírito é sempre relativa ao seu grau de compreensão dela. Nenhum espírito, seja através de qual médium for, é portador da verdade absoluta.

O Mundo Espiritual somente a pouco e pouco se desvendará ao conhecimento dos homens.

As obras mediúnicas que têm sido concebidas na Terra representam discretas janelas abertas para a realidade da Vida Imperecível.

Ninguém apreende toda a paisagem, enxergando-a apenas por determinado ângulo de visão.

Quem se coloca ao nível do chão não consegue abarcar toda a beleza do horizonte.

Para se ver mais, é imprescindível subir.

Os médiuns, pois, como instrumentos do Mais Além, devem estar conscientes de seus limites.

Como escreveu o Codificador, muitas vezes, onde se vê contradição "é apenas uma parte da elaboração da verdade".

Os espíritos, de maneira geral, operam segundo o acolhimento do psiquismo humano... Quando percebem que os encarnados não estão preparados para vislumbrar maior claridade concernente à Vida além da morte, eles recuam.

Há um movimento inconsciente das criaturas rejeitando verdades que as tornam mais responsáveis. Esta movimentação inconsciente inibe os médiuns que, por

sua vez, inibem os espíritos, estabelecendo limites aos seus comunicados.

Por esse motivo, a revelação sempre haverá de ser proporcional às luzes do entendimento humano.

Disse-nos Jesus no Evangelho de João, capítulo 16, versículo 12: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora..."

Existem médiuns e espíritos que são chamados a trabalhar na consolidação das verdades já reveladas, porque, em um edifício, ninguém prossegue levantando paredes antes de sabê-las devidamente alicerçadas.

Que os medianeiros, portanto, não queiram avançar além do que lhes preconiza o bom senso, oferecendo espaço aos espíritos levianos e mistificadores.

Os espíritos que, de hábito, entram em contato com os homens, não sabem muito mais do que eles acerca do Mundo Espiritual. Um espírito nada mais é do que um homem fora do corpo, com a visão um pouco mais ampliada do que quando se encontrava na carne.

As revelações incontestáveis sempre procedem de espíritos de mais elevada hierarquia, que as efetuam no momento assinalado pela Divina Sabedoria.

As mais variadas obras mediúnicas que surgem na Terra, notadamente as que contêm informações, mais ou menos detalhadas, sobre a vida do espírito noutras dimensões, repetimos, não são mais que uma peça do quebra-cabeça que está sendo montado...

Deus não confiaria a revelação de toda a Verdade a um só espírito que pudesse ditá-la através um só médium.

Que os médiuns, pois, continuem a estudar e a se preparar para futuras tarefas que haverão de ser chamados a desempenhar, se forem considerados dignos, no campo da revelação espírita.

E não se aborreçam com as possíveis críticas que venham a receber, em forma de cerceamento à inspiração, dos companheiros encarnados, que, sem que o saibam, fazem o papel de reguladores da Luz que nem todos estão aptos a contemplar, sem que sejam ofuscados por ela.

PREVISÕES MEDIÚNICAS

"O espírito pode prever que uma coisa acontecerá, mas o momento justo depende de acontecimentos que ainda não se completaram e que somente Deus conhece. Os espíritos levianos, que não têm escrúpulos em enganar, indicam a vocês os dias e as horas, sem se importarem com o resultado. Eis por que qualquer predição circunstanciada deve ser-lhes suspeita." (Cap. XXVI - Perguntas que se podem Jazer aos espíritos - item 288 - parágrafo 11)

Toda e qualquer previsão mediúnica deve ser, rigorosamente, submetida ao crivo da razão.

Os Espíritos Superiores não se preocupam em efetuar profecias, principalmente com fixação de datas para que aconteçam.

O médium necessita de redobrada cautela, quando determinada entidade desen-

camada intenta, por seu intermédio, prever o futuro, seja da Humanidade como um todo ou de uma só pessoa.

Em matéria de profecias, a palavra final sempre pertence a Deus, porque o espírito, por mais elevado, não conhece todos os meandros de sua Vontade.

Existem espíritos que, para impressionarem, estão dispostos a tudo preverem; o seu intuito, porém, é o de ludibriar e induzir à incredulidade...

Por outro lado, ninguém carece de ser profeta para vaticinar a respeito das consequências do óbvio. Por exemplo: quem dirige a alta velocidade nas rodovias sempre estará sujeito a acidentes, de maior ou menor gravidade...

As advertências do Mundo Espiritual em relação ao futuro da Humanidade não podem ser consideradas profecias infalíveis, porque o livre arbítrio humano poderá interferir no curso dos acontecimentos preconizados.

Aliás, o objetivo da profecia, quando acontece, é justamente este: alertar aos que

dela se fizeram motivo para que evitem a sua concretização.

Segundo ensina o Espiritismo, a fatalidade só existe em dois momentos da vida do homem: no nascimento e na morte! Reencarnar, tanto quanto desencarnar, é fatalidade para o espírito em evolução! Do berço ao túmulo, porém, o espírito é livre para traçar o destino e retraçá-lo, todos os dias.

Muitos espíritos estimam endereçar ameaças futuristas aos homens, simplesmente para intimidá-los; e muitos médiuns se prestam a tais predições apenas para se conferirem maior importância...

O médium sério, assistido por espíritos sérios, não se ocupa de revelações concernentes ao passado ou ao futuro, pois, a rigor, nem de si ele sabe dizer algo nesse sentido.

Sobre a questão das predições mediúnicas que, quando não se realizam, são motivo de ironia para os cépticos, convém meditar sobre o que nos ensina o livro de Jonas, no Antigo Testamento. O Senhor enviara o profeta a advertir os habitantes de Nínive quanto a funestos acontecimentos,

caso eles não se arrependessem. Ora, acatando-lhe a palavra, os ninivitas mudaram de comportamento e a profecia, evidentemente, não se consumou. Jonas, então, aborreceu-se com o Senhor, alegando que Ele o fizera passar por mentiroso...

Jonas amava um pé de abóboras que, em torno de sua choupana, havia crescido prodigiosamente. Veio-lhe, porém, por obra de Deus, um verme, e a aboboreira secou completamente, levando o profeta a chorar de compaixão pela sua destruição. "Então, perguntou Deus a Jonas: É razoável essa tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até à morte. Tornou o Senhor: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?"

Vejamos que o Senhor levou em consideração, não apenas os habitantes de

Nínive, mas também os animais que viviam na cidade...

Há de se tomar extremo cuidado e considerar, sem desrespeitá-la, a relatividade de toda profecia, por mais confiável seja a sua fonte espiritual de procedência.

FAMILIARES DESENCARNADOS

*"Nossos parentes do além-túmulo não se interessam por nós, senão em razão do afeto que temos por eles."
(Cap. XXV- Das evocações - item 281, parágrafo 20)*

Se nos fosse sentido completar a frase acima, escrita pelo Codificador, diríamos: "Nossos parentes do além-túmulo não se interessam por nós, senão em razão do afeto que temos por eles, e eles por nós"!

Sim, porquanto muitos espíritos, ao desencarnarem, por vezes são chamados a compromissos que, de certa maneira, os distanciam daqueles que deixaram na Terra.

Com o passar do tempo, o espírito, mais bem se adaptando às realidades do Mundo Espiritual, se sente cada vez mais absorvido pelas ocupações de sua nova vida.

É óbvio que a desencarnação não desfaz os verdadeiros laços de afeto, mas a verdade é cada espírito, na vida de além-túmulo, não mais pode viver em função da existência que deixou...

Por esse motivo, não raro, torna-se difícil o comparecimento de determinado familiar desencarnado há tempo mais ou menos longo, quando a sua presença é reclamada na Terra para contato.

Os espíritos algo esclarecidos, mormente fora do corpo, compreendem que a sua família é a Humanidade inteira e, sendo assim, para muitos deles os vínculos da parentela consanguínea têm importância relativa.

Como, por exemplo, familiares desencarnados há décadas e que pouco lembrados pelos seus entes queridos durante todo esse tempo, atenderão ao primeiro chamado dos

que lhes aguardam um comunicado de ordem mediúnica?

Nem todo espírito domiciliado no Mais Além é sensível às requisições mentais dos encarnados, notadamente quando não se cultiva determinada afinidade.

Muitas vezes, no intuito de não deixar a pessoa sem a orientação solicitada ou indispensável palavra de encorajamento nas lutas do cotidiano, as Leis Divinas consentem que, em nome do familiar de que se espera obter notícias, compareça anônimo mensageiro da Vida Maior que lhe cumpre a função, assim como incapacitados de equacionar diretamente esta ou aquela questão alhures, concedemos procuração a quem nos represente.

Em geral, o espírito familiar comunicante não comparece a esta ou àquela casa espírita, simplesmente por conta do médium, que, para ele, talvez não passe de "ilustre desconhecido".

Habitualmente, são os familiares encarnados que atraem os entes queridos ao contato mediúnico, mobilizando as interces-

soes espirituais ao seu alcance. Ao médium cabe a expectativa do comparecimento ou não da entidade indiretamente evocada, acrescida do respectivo esforço para estabelecer sintonia, caso ela se faça presente.

Em hipótese alguma, o médium deve provocar o fenômeno do intercâmbio, que carece de ser tão espontâneo quanto possível.

Enfim, para que um contato mediúnico de natureza particular aconteça, vários fatores são levados em consideração, inclusive a questão do mérito e, principalmente, da necessidade de quem o solicita.

É raro que um espírito se faça presente logo da primeira vez que se tenta o intercâmbio com ele. O próprio medianeiro carecerá de maior lapso de tempo para trabalhar a sintonia e se sentir seguro na transmissão do recado.

As considerações anexas, evidentemente, são endereçadas aos médiuns e aos estudiosos suficientemente amadurecidos para compreendê-las e não aos leigos ou aos que vivem, através da mediunidade, especulando em torno da imortalidade da alma.

Todo médium que não tenha, em si, equacionada a magna questão da sobrevivência após a morte do corpo, com as suas implicações éticas consequentes, não está preparado para se iniciar na tarefa da recepção das mensagens mediúnicas familiares.

A ALEGRIA DOS ESPÍRITOS

"24°. Da parte dos Espíritos Superiores, o gracejo é frequentemente fino e espirituoso, jamais vulgar. Nos espíritos brincalhões que não são grosseiros, a sátira mordente é frequentemente muito oportuna." (Cap. XXIV-Identidade dos espíritos - item 267)

O Espiritismo, a Doutrina da Imortalidade, é mensagem de alegria e não de tristeza.

Revivendo o Cristianismo, os espíritos, à semelhança do anjo que anunciou o nascimento de Jesus aos pastores, igualmente entoam o hino: "... eis que vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo..."

A mediunidade, pois, há de ser exercida com alegria no coração.

Disciplina e austeridade não significam, necessariamente, ausência de bom humor.

Chico Xavier, que vivia sorrindo, costumava dizer: "A minha vida é uma festa!".

Os espíritos, nada mais sendo que homens fora do corpo físico continuam sendo o que foram, ou seja: pessoas comuns, também caracterizadas por suas emoções...

Em Espiritismo, não é proibido sorrir.

Uma reunião espírita, sem perder a seriedade e descambar para a vulgaridade, não deve ser demasiadamente circunspecta, como se o contato com os desencarnados fosse um momento tão solene no qual não houvesse lugar para a descontração.

Os espíritos inferiores, encarnados e desencarnados, é que não sabem ser espirituosos.

Não raro, os espíritos mais esclarecidos, com o propósito de dizer a verdade sem ferir, recorrem ao bom humor, e não têm pejo de se mostrarem tão humanos quanto ainda são!

Não estamos nos referindo, é claro, à piada de mau gosto ou ao chiste maledicente em torno de alguém, inapropriado na boca de quem for.

Todo excesso, até mesmo a alegria, termina por degenerar-se.

Desde que não extrapole, se é admissível o momento de descontração ao orador espírita na tribuna, abordando temas complexos da Vida, por que motivo os espíritos devem se apresentar, em seus comunicados e aparições, como se a desencarnação lhes fosse sinônimo de depressão e melancolia?

Seria lícito a quem não sabe sorrir censurar a alegria dos outros?

Kardec, escrevendo sem meias palavras, foi suficientemente claro: "... a sátira mordente é frequentemente muito oportuna".

Segundo alguns de seus biógrafos, o Codificador apreciava anedotas de alto nível e, mesmo, chegava a contá-las aos amigos, de permeio a certos ditos gauleses.

Felizmente, contrariando os moralistas da Doutrina, o Mundo Espiritual não está desprovido de alegria e otimismo.

A mensagem espírita, sem dúvida, deve primar pela elevação do pensamento de seu autor, quanto pelo conteúdo moral, mas, para tanto, não necessita se destituir deste ou daquele toque de hilaridade.

O médium e o espírito sem alegria são companheiros que ainda não se deixaram contagiar pelo espírito do Evangelho.

No capítulo em exame, Kardec ainda anotou: "Infelizmente há grande número de pessoas que tomam sua opinião pessoal por medida exclusiva do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que contradiz sua maneira de ver, suas ideias, o sistema que conceberam ou adotaram é errado a seus olhos. A tais pessoas falta, evidentemente, a primeira qualidade para uma sã apreciação: a retidão do julgamento, mas disso não suspeitam; é o defeito que mais enganos acarreta".

MEDIUNIDADE E ELOGIO

"11°. Os bons espíritos não elogiam; aprovam-nos quanto fazemos o bem, mas sempre com reservas; os maus tributam elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, aparentando pregar a humildade e procuram exaltar a importância pessoal de quem querem dominar." (Cap. XXIV - Identidade dos espíritos - item 267)

O médium e quem se mantém em contato mais estreito com ele carecem de se manter vigilantes contra o elogio, tanto partindo dos amigos ao médium quanto do médium aos amigos.

O elogio é uma força inebriante, que pode entorpecer os sentidos de quem não se precaver.

O elogio vulgar é o oposto da palavra de estímulo às boas obras.

Como disse Kardec, os Bons Espíritos incentivam, mas não elogiam - nem as pessoas às quais se dirigem e muito menos o médium do qual se servem como instrumento.

Chico Xavier rejeitava todo e qualquer elogio que lhe fosse feito, porque sabia o perigo que representava para ele, e insistia na sua condição de "cisco" justamente por isso.

Existem médiuns e espíritos envolventes que, através da força da bajulação, discreta ou ostensivamente, tentam dominar as pessoas para tirar proveito da situação.

É uma técnica de fascínio, de quase hipnose, que poucos conseguem detectar, devido à sutileza com que é aplicada às vítimas.

Convém, pois, sempre desconfiar, principalmente quando:

- através do próprio médium, o espírito o elogia;
- o espírito, de maneira constante, elogia este ou aquele dos que estão mais próximos do médium;
- o próprio médium elogia ou provoca elogios a si;

- o médium efetua elogios a companheiros, notadamente aos que, de uma maneira ou outra, possam beneficiá-lo;

- o médium, ainda, elogia o espírito que se manifesta por intermédio de suas faculdades...

O elogio, em quem não se encontra devidamente imunizado, provoca a supressão total do discernimento.

Para se vacinar contra semelhante mal, o médium carece de ser o mais sincero possível consigo, reconhecendo as imperfeições e mazelas que carrega.

Em muitos médiuns, a vaidade e o personalismo se assemelham a brasas semiapagadas e encobertas de cinza, que o mais leve sopro das trevas pode avivar, trazendo de volta as labaredas...

Não convém ao médium se conceder trégua alguma, no que tange à luta diuturna pela conquista da humildade.

Após o tóxico de o elogio ser inoculado em alguém, é muito difícil fazer com que ele torne à realidade e admita o equívoco. Na maioria das vezes, ele não se

recupera de todo, arcando com as sequelas decorrentes da intoxicação...

É raro o médium que cai admita ter caído e se disponha a recomeçar!

O médium que reconhece ter se desviado em determinado trecho de caminho, mostrando-se disposto a voltar atrás e reiniciar a jornada, é credor de nosso melhor apreço e consideração.

Os Espíritos Amigos jamais recusam novo voto de confiança ao médium que esteja, sinceramente, empenhado em acertar.

Sintetizando: o elogio é algo tão perigoso, que o médium não deve hesitar em combater em si a menor ideia sugerindo-lhe qualquer espécie de destaque pessoal!

Neste sentido, é preferível errar por excesso de zelo que por omissão. E, mais que zelar pela tarefa que lhe foi confiada, trata-se de zelar pela própria sanidade mental! Porque, em muitos espíritos, o fascínio, em forma de elogio, subtrai o bom senso por várias encarnações.

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO

"O meio mais poderoso de combater a influência dos maus espíritos é de aproximarmo-nos o mais possível da natureza dos bons." (Cap. XXIII - Da obsessão - item 253 - parágrafo 2)

Em muitos sensitivos, infelizmente, há mais obsessão na mediunidade que mediunidade na obsessão.

O maior entrave ao contato com o Mais Além não está na faculdade mediúnica propriamente dita, mas na intenção do medianeiro.

Os Espíritos Amigos sempre encontram recursos para superar as limitações do médium como instrumento, todavia não logram fazê-lo quando o problema é de ordem moral.

Por esse motivo, tais Espíritos preferem insistir com um médium portador de certas deficiências como intérprete a perseverar ao lado daquele que, dotado de bela faculdade, não corresponde, no que tange ao desinteresse e à vaidade.

Embora limitado, o medianeiro de boa vontade, que persevera na intenção do bem, alimentando o desejo de ser útil à Causa e ao próximo, aos poucos, coadjuvado pelos espíritos, consegue superar-se e surpreender os que dele nada esperam.

Toda e qualquer faculdade mediúnica não se aprimora apenas quando o médium se encontra em estado de vigília. Durante o repouso, enquanto o corpo se refaz dos embates nas lides cotidianas, o espírito do médium pode se desdobrar e, no Mais Além, receber instruções que lhe ampliam as possibilidades psíquicas.

É mesmo muito comum que os médiuns, em estado de desdobramento, se exercitem, mediunicamente, neste Outro Lado.

Quantos médiuns, por exemplo, não "sonham" estar concedendo passividade, na

condição de espírito parcialmente liberto do corpo? Quantos outros, que são psicógrafos, treinam a psicografia no Mundo Espiritual, aprendendo a trabalhar a sintonia?

Muitos médiuns, caindo em transe durante o chamado sono, recebem inspirações que, ao despertarem, passam a colocá-las em prática... O transe mediúnico pode ser de longa duração, de modo que a mente do médium permaneça sugestionada pela mente do espírito que, no momento oportuno, saberá acioná-la.

Por que na mediunidade assim não poderia ser, se o é nos casos de obsessão?

A rigor, obsessão e mediunidade são polos opostos de uma situação quase semelhante. Senão, vejamos. Kardec conceituou obsessão como sendo "o império que alguns espíritos sabem exercer sobre certas pessoas"... Já quando procurou definir o médium, escreveu que é "toda pessoa que sente num grau qualquer a influência dos espíritos". A diferença é que, na obsessão, esta influência é nociva.

Obsessão também é mediunidade, mas mediunidade não é obsessão.

Todavia os espíritos esclarecidos que, de hábito, se comunicam por este ou aquele médium, podem induzi-lo ao transe dentro de um leque de possibilidades bastante amplo.

O transe mediúnico não se dá apenas como o fenômeno de alguém que aciona o interruptor e acende a luz... Mesmo porque, para que a luz se acenda, a energia há de estar ali, na ponta do fio!

A facilidade de certos médiuns estabelecerem contato com os desencarnados, principalmente para a recepção de mensagens edificantes, ocorre porque, em verdade, eles permanecem o tempo todo de prontidão.

O médium é a figueira, da narrativa evangélica, convidado a estar apto a produzir, mesmo "não sendo época de figos"...

Se os espíritos estão sempre preparados para os médiuns, por que os médiuns não teriam a obrigação de estar sempre preparados para os espíritos?

A verdadeira mediunidade não deve ser uma faculdade de intermitência, posta para funcionar quando o médium deseja ou lhe convém.

MEDIUNIDADE INCONSCIENTE

"Vocês sabem que arranjamos no cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e compreensível para vocês; é com o auxílio dos materiais que possui que o médium traduz nosso pensamento na língua vulgar..." (Cap. XXII - Da mediunidade nos animais - item 236)

No texto acima fica clara a participação ativa do médium na produção do fenômeno mediúnico de qualquer natureza.

O espírito Erasto, que o escreveu em "O Livro dos Médiuns", ainda considerou: "... os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns..."

Refere-se o Instrutor aos fatos mediúnicos em geral, sejam eles de ordem intelectual ou física.

Todo médium, pois, em menor ou maior grau, é parceiro dos espíritos em seu contato com os encarnados - é, por assim dizer, coautor.

Mediunidade consciente ou inconsciente é apenas uma questão de nível de entrega do médium no momento do transe.

Os espíritos, para comunicados mais longos e substanciosos, preferem se valer do concurso de médiuns que com eles colaborem de maneira consciente e responsável.

Daí sempre estarem recomendado aos medianeiros que estudem, ou seja: ampliem a sua capacidade de informações armazenadas, aos quais os desencarnados possam recorrer como quem recorre a um "banco de dados"...

Portanto, a mediunidade desejável para os espíritos, mormente quando pretendam desenvolver um trabalho intelectual de fôlego, é a consciente.

Na utilização da faculdade mediúnica, dita inconsciente, o dispêndio de energia

mental da parte do espírito comunicante é, muitas vezes, superior à sua própria capacidade.

O que seria mais racional: escavar a terra à procura de água a grande profundidade ou em superfície mais rasa, donde igualmente se sabe que ela emana com o mesmo teor de limpidez?

No médium inconsciente ou com menor nível de consciência, o espírito manifestante praticamente tem que fazer tudo sozinho; no consciente ou com menor nível de inconsciência, o esforço intelectual e mesmo material do espírito é partilhado com o médium...

De hábito, o que o espírito transmite ao médium, em forma de clichês mentais, é a ideia, cabendo ao médium revesti-la com os seus recursos de linguagem, por meio da palavra verbalizada ou escrita.

É óbvio que, quando nos referimos à transmissão da ideia, está também implícito o sentimento com que ela se exterioriza e impregna o espírito do médium.

Convém esclarecer que as entidades que habitam dimensões superiores, quando

entram em contato conosco, presentemente domiciliados na região que, genericamente, os homens denominam Mundo Espiritual, se submetem ao mesmo processo de filtragem, de vez que, sem um intermediário, é impossível que o habitante de um meio mais etéreo se faça sentir noutra em que as partículas que se agregam para constituir a matéria obedeçam a diferente disposição.

A faculdade mediúnica considerada inconsciente não é garantia absoluta de qualidade para o fenômeno, de vez que, no que tange à substância, ele pode deixar a desejar, o que, não raro, acontece.

Não nos esqueçamos dos inúmeros casos de obsessão complexa, dos quais pouco se aproveita em termos de orientação segura e esclarecimento em torno das realidades da Vida após a morte.

Ao contrário do que se possa supor, a faculdade mediúnica, seja ela qual for, não evolui da consciência para a inconsciência.

E mesmo uma pena que, em maioria, os homens já não tenham superado a questão de sua falta de fé na imortalidade,

com muitos médiuns, inclusive, exigindo provas da sobrevivência da alma para si, o que, sobretudo, nos dificulta o trabalho de produção no campo da mediunidade, porque enquanto vocês discutirem sobre a existência da árvore, não poderão cogitar de seus frutos.

MEDIUNIDADE PEQUENA

15. As pessoas que têm um grande desejo de escrever como médiuns e que não o conseguem podem deduzir alguma coisa contra si mesmas no que tange à benevolência dos Espíritos a seu respeito?

— Não, porque Deus pode ter-lhes recusado esta faculdade, como pode ter-lhes recusado o dom da poesia ou da música; mas se elas não gozam deste favor, podem gozar de outros. (Cap. XVII - Formação dos médiuns - Item 220)

Diante da faculdade de concretizar o bem sobre a Terra, toda e qualquer faculdade mediúnica, por mais expressiva, é pequena.

Ninguém carece de ser médium, na acepção do termo, para realizar o que é propósito da mediunidade, ostensiva ou discreta, naquele que é portador da mais exímia faculdade.

O que a mediunidade pretende é fornecer à criatura encarnada uma nova noção de valor da existência e, assim, traçar diferente paradigma para a sua vida na condição de espírito encarnado.

Consciente, então, de sua imortalidade, ante a possibilidade de controlar o próprio destino, o homem se sentirá impelido a empreender a sua transfiguração espiritual, renovando-se. E ninguém verdadeiramente se renova, sem combater o egoísmo pessoal...

A finalidade da mediunidade, corroborando para a crença na sobrevivência do espírito, não é apenas e tão-somente informar o homem quanto ao que o espera para além da vida no corpo de matéria densa. Tampouco é efetuar revelações concernentes às Leis que presidem a Criação Divina, nas mais diversas dimensões do Universo sem fim e nem satisfazer às especulações da Ciência, que, por seu esforço e mérito, deverá chegar a conhecimento mais amplo da Verdade sobre os enigmas do ser.

A faculdade mediúnica, qualquer que seja, repetimos, é a de fixar no espírito encar-

nado os reais valores da Vida, induzindo-o à tarefa ingente do autoconhecimento, para que, enfim, não mais se consentindo embalar pela ilusão, desperte de seu sono milenar.

Portanto, o exercício da mediunidade é de grande interesse, principalmente, para o médium - é mais importante para ele do que para a Causa em si, de vez que a Espiritualidade Superior poderá suscitar médiuns em toda parte.

A mediunidade espírita, sobretudo, é exercício de autoconhecimento à luz do Evangelho do Cristo!

Aquele, porém, que coloca a sua sensibilidade a serviço do amor ao próximo, está, por assim dizer, saltando etapas em sua jornada evolutiva, porque já colocando em prática a proposta última da mediunidade, que é a de espiritualizar-se e trabalhar pela espiritualização da Humanidade encarnada.

Ser médium não é mais do que ser bom!

Ser intérprete do bem sobre a face da Terra é conectar-se diretamente com a Fonte Divina de toda inspiração.

Por esse motivo, somos de parecer que ser médium pelo sentimento é mais do que ser médium pela inteligência.

Nenhuma faculdade mediúnica deverá ser mais desejável do que a de amar os semelhantes - eis a mediunidade por excelência, que Paulo pressentiu e, escrevendo aos Coríntios, considerou: "... ainda quando tivesse o dom de profecia (...), se não tiver caridade, nada sou."!

Na atualidade, é grande o número dos que se interessam pelo desabrochar de suas faculdades psíquicas, a maioria para simples satisfação de natureza pessoal, sem conotação mais profunda com os ideais do Espiritismo, mas, entre eles, raros são os que verdadeiramente cogitam de ser úteis pelo espírito de amor ao próximo.

Por isso, a faculdade mediúnica que, na Terra ou no Mais Além, transcende todas as demais, é a do Amor de que Jesus se fez o Sublime Intérprete entre os homens.

EXERCÍCIOS MEDIÚNICOS

"De resto, as primeiras comunicações obtidas não devem ser consideradas senão como exercícios que se confiam a espíritos secundários; eis porque não se deve dar-lhes mais que uma pequena importância, em vista dos espíritos que são, por assim dizer, empregados como professores de escrita para desbastar o médium principiante; porque não pensejam jamais sejam espíritos elevados que façam o médium fazer estes exercícios preparatórios..."
(Cap. XVII - Formação dos médiuns - item 210)

Depois da falta de estudo, para adquirir conhecimento, a pressa na obtenção de bons resultados é o maior escolho para o médium.

A precipitação da parte dos medianeiros que se impacientam por ver os seus trabalhos publicados termina por lhes frus-

trar o desenvolvimento das faculdades e a credibilidade.

Qualquer faculdade mediúnica é passível de ser aprimorada pelo exercício, para que dela se colham os melhores resultados.

Um médium psicógrafo não deve, por exemplo, transformar em livro tudo o que venha a escrever, mormente os primeiros comunicados que os espíritos grafam por seu intermédio.

Em mediunidade, a paciência do médium é fator de relevância no seu aperfeiçoamento. Os Espíritos Amigos, que pretendem realizar um trabalho sério junto a este ou àquele medianeiro, procuram observar a sua perseverança e boa vontade.

O próprio Chico Xavier, que consideramos na condição de maior fenômeno mediúnico da História, não escondia que Emmanuel, seu Mentor Espiritual, recomendou que ele desconsiderasse os seus primeiros ensaios psicográficos.

As primeiras telas de grandes pintores não diziam de sua total habilidade com o pincel...

As composições iniciais de inesquecíveis mestres da música não expressavam todo o seu gênio...

No começo de carreira, atores que, mais tarde, se consagraram no palco, sequer sabiam se movimentar em cena...

Quanto o diamante que não se encontra lapidado, raro é o médium que nasce pronto.

No campo dos efeitos físicos, por exemplo, é comum que, durante longo tempo, os espíritos não consigam, por determinados médiuns, mais do que a produção de incipientes fenômenos.

O médium afoito revela, por vezes, tão-somente o grau do personalismo que intenta disfarçar.

Nenhuma árvore dá frutos de uma hora para outra.

A água de um poço recém-perfurado não se mostra apta para beber.

Ninguém respalda uma parede de tijolos que não lhe parece firme.

Ao professor, há pouco formado, não se confere o título de mestre.

Se tudo, pois, exige uma preparação prévia, com a mediunidade não seria diferente.

Em mediunidade, considerando a existência de alguma espécie de iniciação ou estágio probatório, esta é a do trabalho constante, do estudo metódico e do desejo sincero de servir.

A mediunidade, quando principia, pode se comparar a uma porta que se descerra, em uma casa, até então, desconhecida... Somente aos poucos, aquele que se propõe adentrá-la percorrerá todos os seus cômodos e saberá identificá-los, passando a se movimentar dentro dela com desembaraço.

Se a mediunidade é o caminho, a experiência é o mapa para que o médium que se dispõe a trilhá-lo o possa fazer com o mínimo de segurança e proveito.

Se, através de determinada cota de tempo, é que a semente da mediunidade germina e se enraíza, por nova cota de tempo é que ela passa a produzir frutos de inquestionável qualidade e sabor.

DIAGNOSTICO

"Não há, infelizmente, até o presente, nenhum diagnóstico que possa indicar, mesmo aproximadamente, que se possui essa faculdade (médiun escrevente). Os sinais físicos pelos quais algumas pessoas julgaram ver indícios não têm nada de certo." (Cap. XVII - Formação dos médiuns - item 200)

Embora todos os homens sejam mais ou menos médiuns - porque portadores de semelhante percepção em estado latente -, é indispensável ter a máxima cautela ao indicar alguém ao desenvolvimento mediúnico.

Os sintomas que se apontam como indícios de mediunidade podem ser sinais de patologia a ser esclarecida.

Em muitos casos, o exercício da mediunidade para este ou aquele portador

de determinado desequilíbrio psíquico é fator agravante de seu quadro.

Em mediunidade, os sinais de natureza física, quando surgem, carecem, gradativamente, de se desfazerem.

O medianeiro há de aprender a se conter, não consentindo que a manifestação mediúnica extrapole o âmbito da mente.

Evidente que discreta alteração de ordem orgânica pode acontecer, durante o transe, com repercussões físicas características; no entanto, excessivo constrangimento físico pode e deve ser evitado, com o médium procurando impor-se sobre eles de maneira serena.

Para que, por exemplo, a faculdade mediúnica da escrita se manifeste em alguém, não há necessidade de que o psicógrafo experimente outra sensação que não seja o desejo de escrever. Assim mesmo, a fim de que não se mostre inconveniente, esse desejo há de ser controlado pelo medianeiro.

A faculdade mediúnica fora de controle é obsessão e não propriamente mediunidade.

O espírito apenas deve manifestar-se com a anuência do instrumento mediúnico.

O médium, pois, que não consegue dominar-se, entregando-se ao transe fora do ambiente e das condições propícias para tanto, necessita, primeiro, equilibrar a si mesmo, submetendo-se a tratamento na casa espírita.

Sob nenhum pretexto - o medianoiro deve consentir que o espírito se manifeste por seu intermédio, subjugando-lhe a vontade e expondo-o ao ridículo.

A agitação que costuma ser característica do médium indisciplinado em transe, pela excessiva e, por vezes, até agressiva gesticulação, respiração ofegante e contorções físicas inadequadas e desnecessárias, carece de ser coibida, inclusive com o auxílio do dirigente da sessão mediúnica ou do doutrinador.

Antes de se considerar a possibilidade de encaminhar alguém à atividade mediúnica, por conta dos sinais físicos e emocionais que apresenta ou de que se queixa, convém afastar a hipótese de um problema orgânico

real ou de um distúrbio de personalidade com comprometimento da lucidez.

Espíritos imperfeitos, óbvio que carregamos certas síndromes em nível psicológico, oriundas do passado ou do presente, que nos autorizam a dizer que ninguém há absolutamente são sobre a Terra! Não obstante, muitas de tais mazelas, existindo em nós parcialmente fora de controle, não nos permitem com elas uma convivência pacífica e produtiva no campo da mediunidade.

De certa maneira, é tênue a linha divisória entre obsessão e mediunidade.

Um sem-número de medianeiros, se, de fato, pretendem se tornar úteis no exercício de suas faculdades, produzindo quanto lhes seja possível em sua atual conjuntura cármica, não deve excluir o auxílio de medicamentos prescritos por médicos idôneos e competentes, que funcionem por elementos de contenção aos surtos psicóticos esporádicos que, por ação de obsessores ou não, venham a sofrer.

Mediunidade não é indício de sanidade e equilíbrio espiritual. Todos os médiuns,

uns mais, outros menos, são enfermos,
com invisíveis chagas abertas na alma que
somente o trabalho no bem, sob a égide do
Divino Médico, logrará promover a devida
cicatrização no curso incessante do tempo.

MEDIUNIDADE E SEXUALIDADE

"— Perfeito, ah! Vocês bem sabem que a perfeição não é da Terra, sem o que, vocês não estariam aí; digam então bom médium e já é bastante, porque eles são raros (...)." (Cap. XX - Influência moral do médium - item 9)

Sendo uma faculdade neutra, a rae-diunidade independe da condição sexual do medianeiro, que, acima de tudo, é um espírito encarnado.

Mediunidade é transmissão pensamento a pensamento, pouco importando, nesse sentido, a própria sexualidade do espírito que se manifesta.

A condição sexual do indivíduo é sinal de identificação para a Terra e adjacências, mas não para o ser em sua essência profunda, que não se diferencia pelas características morfológicas que assinalam as criaturas em evolução.

Assim, para os desencarnados em geral, servir-se de um instrumento mediúnico com esta ou aquela opção sexual é mero detalhe ao qual não se prendem.

Aliás, se algum preconceito existe, em termos de sexualidade, no vasto campo da mediunidade, é mais do médium para o espírito do que do espírito para o médium.

Muitos medianeiros, por exemplo, pertencentes a determinado sexo se recusam a acolher, psiquicamente, uma entidade de sexo oposto. Este estranho fenômeno fica mais evidente entre os médiuns de sexualidade masculina.

Nesse sentido, o médium do sexo feminino é menos preconceituoso, devido à função da maternidade, que lhe enseja gerar, no próprio ventre, um filho homem ou mulher.

No que tange à sexualidade, o sexo feminino, pela sua condição de maior neutralidade psíquica e pela sua capacidade de amar indistintamente homens e mulheres, é o que mais se aproxima do patamar em que estagiam os espíritos libertos das limitações da forma.

Para nós, os desencarnados, pouco importa se o médium é heterossexual, homossexual ou uma das inúmeras variantes da psicologia da criatura.

A degradação moral não está na opção sexual deste ou daquele, mas, sim, em sua maneira de vivenciá-la.

Do ponto de vista moral, muitos medianeiros considerados heterossexuais se encontram em situação deplorável, porque a imoralidade não se prende ao que se convencionou denominar "desvios do sexo".

O que diríamos de um médium que, considerado dentro dos padrões de normalidade para a sexualidade na Terra, fosse charlatão e embusteiro? E de outro que comercializasse os seus dons? E de mais outro que explorasse a boa-fé alheia,

para obtenção de vantagens pessoais, como há tantos e tantos no mundo?...

Definitivamente, o Plano Espiritual não tem qualquer preconceito para com os médiuns homossexuais. Muitos deles, inclusive, pela sua passividade psíquica e temperamento dócil, são melhores instrumentos do que os heterossexuais.

Não fazemos apologia a essa ou àquela condição sexual da criatura, que apenas e tão-somente nos cabe respeitar, escutando na acústica d'alma as palavras do Cristo: "Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra"!

Tampouco concordamos com o constrangimento sexual que, não raro, uma pessoa impõe a outra, objetivando saciar os próprios instintos, sem se importar com as lesões que ocasiona ao próximo.

Sexualidade sem afetividade é lamentável vício que tanto heterossexuais quanto homossexuais devem combater nos relacionamentos que procuram, sob pena de lutas acerbadas no porvir pela conquista do equilíbrio.

Se os centros espíritas fossem fechar as suas portas para os médiuns em conflito no campo da sexualidade, pouquíssimos seriam os que a eles teriam acesso!

Portanto, pedindo ao Senhor que nos abençoe o propósito de servir, revistamo-nos da necessária humildade e compreensão, convictos de que a provação de determinado companheiro amanhã pode ser a nossa ou, então, a de alguém que nos é muito querido ao coração.

**Outras obras do mesmo autor espiritual
lançadas pela Editora LEEPP**

Destaque



Dissertações
158 p. – 14 x 21 cm



Dissertações
166 p. – 13 x 18 cm



Perg. e Respostas
158 p. - 13 x 18 cm



Dissertações
174 p. - 13 x 18 cm